



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

Uso de conexões adversativas nos textos escritos pelos alunos da 11^a classe:
caso da Escola Secundária da Polana

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de
Mestre em Ensino de Português Como Língua Segunda na Universidade Eduardo
Mondlane

Sérgio José Chicangatelo Vilanculo

Maputo, Junho de 2011

USO DE CONEXÕES ADVERSATIVAS NOS TEXTOS ESCRITOS PELOS
ALUNOS DA 11ª CLASSE – CASO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA POLANA

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de **Mestre em Ensino de Português Como Língua Segunda** na Universidade Eduardo Mondlane por **Sérgio José Chicangatelo Vilanculo**

Departamento de Linguística e Literatura
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Universidade Eduardo Mondlane

Supervisores: **Prof. Doutor Henriques Nhaombe** e **Profª. Doutora Ana Cristina Macário Lopes**

Maputo, Junho de 2011

Júri			Data
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	____/____/____
_____	_____	_____	

DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal.

Maputo, 30 de Junho de 2011

Sérgio José Chicangatelo Vilanculo

DEDICATÓRIA

À minha mãe, aos meus irmãos, aos meus familiares e amigos, por terem consentido o meu distanciamento em momentos importantes e pela força que me deram para enfrentar este desafio.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da realização da parte curricular e, mais concretamente, ao longo de realização desta dissertação, muitos foram os obstáculos que surgiram. Entretanto, não me dei por vencido, porque algumas pessoas de muito boa vontade sempre estiveram disponíveis a me prestarem o auxílio que foi instigador para a conclusão da minha formação. Desta forma, gostaria de endereçar os meus profundos agradecimentos a estas pessoas.

Agradeço a Deus, aos meus pais, irmãos e familiares pela vida e pelo carinho.

Ao Prof. Doutor Henriques Nhaombe e a Prof. Doutora Ana Cristina Macário Lopes, meus supervisores, pelo voto de confiança depositado em mim e, acima de tudo, pela incomensurável ajuda e paciência que demonstraram ao longo da supervisão deste trabalho.

Ao colectivo de docentes do programa de Mestrado em Ensino de Português como Língua Segunda, pelos ensinamentos ministrado.

Ao Prof. Doutor Gregório Firmino, pela atenção que me deu e, aos meus colegas do curso, pelo encorajamento e pelo alto sentido de camaradagem demonstrado nos momentos em que já não sabia o que devia e como devia ler.

Por último, a todos aqueles cujos nomes não mencionei, mas que directa ou indirectamente contribuíram para que a minha formação se tornasse uma realidade, vai o meu verdadeiro *khanimambo*.

RESUMO

Este estudo tem como objectivo apresentar os pressupostos teóricos da Linguística Textual, a partir dos quais se analisarão as produções textuais dos alunos da 11ª classe que apresentam problemas de coesão, em particular, de uso de conexões adversativas. Visa ainda discutir as relações de sentido marcadas pelos conectores adversativos e, conseqüentemente, observar se o emprego desses conectores é adequado ao momento em que estão sendo utilizados na frase, isto é, se correspondem às intenções comunicativas dos alunos. O *corpus* sob análise é constituído por 30 textos, todos produzidos em sala de aula como exercício redacional. O percurso metodológico a que esta pesquisa obedece parte da verificação da articulação funcional dos conectores adversativos, mostrando o modo como estes são usados nos textos escritos pelos alunos. Os resultados desta pesquisa apontam para as seguintes conclusões: (1) Os conectores adversativos apresentam posições sintácticas diferenciadas. O **mas** não possui a mesma mobilidade de outros conectores, isto é, o **mas** é empregue apenas no início da oração adversativa, enquanto que o **porém**, **contudo**, **todavia**, **entretanto** e **no entanto** posicionam-se tanto no início da adversativa, quanto após o sujeito ou após o predicado. (2) Os conectores adversativos têm valores semânticos diferentes e em nosso *corpus* eles foram estabelecidos como negação de expectativa e oposição semântica. Além destes valores, o *corpus* aponta para casos em que tais conectores marcam mudança de tópico discursivo, podendo originar produtos textuais superiores ao período. (3) O *corpus* aponta para o largo emprego do conector adversativo **mas**, usado maioritariamente de forma adequada. Nas 30 ocorrências o **mas** ocorreu 16 vezes (33,3%). (4) Finalmente, o estudo aponta para a conclusão de que os conectores adversativos foram usados 20 vezes de forma adequada (66,7%) e 10 vezes de forma inadequada (33,3%), e o maior problema de inadequação prende-se com uso dos outros conectores diferentes de **mas**.

Palavras-chave: Texto, Coesão, Coerência, Conectores Adversativos.

SUMMARY

This study aims to present the theoretical principles of linguistic texts, from which we analyze the textual productions of 11th grade students who have problems of cohesion, in particular, use of adversative connections. It also aims to discuss the relations of meaning marked by adversative connectors and thus see if the use of these connectors is suitable for the time being used in the sentence, that is, to match the student's communicative intentions. The corpus under analysis consists of 30 texts, all produced in the classroom as an exercise editing. The methodological path that this research complies starts from verification of functional articulation of the adversative connectors, showing how these are used in texts written by students. The results of this research indicate the following conclusions: (1) adversative connectors have different syntactic positions. Compared to other connectors, **but** does not have the same flexibility in its placement when it expresses adversity, i.e., **but** is only used at the beginning of adversative clauses, whereas **however**, **nevertheless**, **yet**, **meanwhile** can either be placed at the beginning of adversative and after the subject, or after the predicate. (2) The adversative connectors have different semantic values, and in our corpus they were established as denial of expectation and opposed semantics. In addition to these values, the corpus points to cases in which such connectors mark the change of topic of discourse, may originate textual products above the period. (3) The corpus points to the widespread use of the adversative connector but mostly used properly. Among the 30 events but occurred 16 times (33.3%). (4) Finally, the study points to the conclusion that the adversative connectors were used 20 times in an appropriate manner (66.7%) and 10 times in an inappropriate manner (33.3%), and the biggest problem of inadequacy relates to the use of other connectors different from **but**.

Keywords: Text, Cohesion, Coherence, Adversative Connectors.

ÍNDICE

DECLARAÇÃO	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO.....	iv
SUMMARY	v
ÍNDICE.....	vi
ABREVIATURAS, SÍMBOLOS E CONVENÇÕES.....	viii
CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO	1
1. Contextualização da Pesquisa	1
1.1. Motivação do Estudo	2
1.2. Importância do Estudo	3
1.3. Objectivos do Estudo	4
1.4. Problema da Pesquisa	5
1.5. Hipótese da Pesquisa	6
1.6. Organização do Trabalho	6
CAPÍTULO II – REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA.....	8
2.1. Linguística Textual.....	8
2.2. Conceito de Texto.....	13
2.3. Parâmetros de Textualidade	15
2.4. Coesão Textual.....	18
2.5. Mecanismos Coesivos	20
2.6. Os Conectores como mecanismos de coesão, pela sinalização de nexos semânticos entre segmentos textuais	21
2.7. Caracterização Sintáctica das Conexões Adversativas.....	25
2.8. Caracterização Semântica das Conexões Adversativas	28
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	32
3.1. Técnicas de Recolha dos Dados	32
3.1.1. Composição livre.....	32
3.2. Local da Recolha de Dados.....	32

3.3. Perfil Sociolinguístico dos Alunos	33
CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	34
4.1. Apresentação de Dados.....	34
4.2. Análise de Dados.....	35
4.2.1. Uso Adequado dos Conectores Adversativos	35
4.2.1.1. Negação de expectativa.....	35
4.2.1.2. Oposição semântica	39
4.2.1.3. Casos em que os conectores adversativos assinalam a mudança de tópico discursivo	42
4.2.2. Uso Inadequado dos Conectores Adversativos	44
4.2.2.1. Usos de conectores adversativos em contextos que não o autorizam.....	44
4.2.2.2. Usos de conectores adversativos em contextos em que um outro deveria ser seleccionado	47
CAPÍTULO V – ESTRATÉGIAS DE ENSINO - APRENDIZAGEM DO USO DOS CONECTORES ADVERSATIVOS	48
5.1. Ensino explícito e implícito das regras de uso de conexões adversativas	48
CAPÍTULO VI – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	51
6.1. CONCLUSÕES.....	51
6.2. RECOMENDAÇÕES.....	54
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	55
APÊNDICE.....	60

ABREVIATURAS, SÍMBOLOS E CONVENÇÕES

LT – Linguística Textual

L2 – Língua segunda

LB – Língua bantu

N/E – Negação de expectativa

O/S – Oposição semântica

M/T – Mudança de tópico

CNA – Uso de conectores em contexto que não autoriza

CIN – Conector indevido

CAPÍTULO I – INTRODUÇÃO

1. Contextualização da Pesquisa

Nas línguas, há mecanismos de coesão que operam no interior das frases e na articulação entre frases. Tais mecanismos podem ser gramaticais e lexicais e envolvem não só a habilidade no aprendente de compor enunciados correctos bem como conhecimento de regras de uso apropriado num determinado contexto.

Quando um indivíduo escreve ou fala, a sua intenção é fazer-se entender pelo leitor ou ouvinte, por forma a que ambos partilhem o mesmo significado. Quando o discurso escrito não é construído de acordo com as regras formais em uso na língua-alvo em termos de organização de informação, a comunicação torna-se geralmente incoerente. Sendo assim, é importante que o emissor, ao processar a sua mensagem, tenha em conta que os seus argumentos influenciarão na organização e percepção do discurso produzido.

Neste contexto, muitos alunos têm dificuldades em escrever um bom texto. Isso acontece, às vezes, porque não têm ideias, já que lêem pouco, ou porque não fazem um esboço antes de iniciar a escrita propriamente dita. Além disso, percebe-se que suas dificuldades são maiores do que a falta de habilidade com o uso da língua. Ao corrigir-se textos redigidos pelos alunos do ensino médio, pôde-se perceber que muitos deles não sabem articular de forma lógica as suas ideias, decorrendo daí a redacção de textos sem coesão e, conseqüentemente, incoerentes.

Assim, somam-se dificuldades específicas da produção escrita, que, muitas vezes, remontam a problemas oriundos de um processo mal conduzido desde os níveis iniciais. Há muito temos convivido com a falência das produções textuais dos alunos de maneira geral, isto desde as primeiras classes, ou seja, desde o ensino primário.

Para que um texto tenha qualidade, é necessário que as ideias estejam articuladas de forma adequada. Isso significa que os constituintes da frase resultantes dessas ideias, ou seja, as sequências de palavras organizadas pelo aluno para dar um sentido ao seu enunciado serão mais ou menos coesas dependendo da relação que tiverem com os

conectores por ele escolhidos para o encadeamento desse mesmo enunciado. Como estes problemas não são resolvidos no seu nível incipiente, o que ocorre quando estes alunos chegam ao ensino médio é lamentável, para não dizer, dramático.

Portanto, tendo em conta que em Moçambique, geralmente, se começa aprender o Português nas escolas, e que o desempenho dos alunos depende largamente do que se lê e se ouve, e tendo ainda em conta que os conectores são elementos essenciais para o estabelecimento da coesão e coerência discursiva, propomo-nos inscrever esta dissertação no âmbito dos mecanismos de coesão textual, nos textos escritos pelos alunos da 11^a classe.

1.1. Motivação do Estudo

Um dos grandes enfoques nos estudos da Linguística Aplicada (LT) é o estudo da produção textual. A problemática da produção textual tem muitas vezes suscitado várias discussões em volta de como um texto deve ser para poder ser considerado coeso e coerente.

Assim, ao iniciar o curso de mestrado já tinha decidido que o tema da nossa dissertação estaria relacionado com a compreensão ou interpretação de texto, pois ao se trabalhar com isso na sala de aula, nota-se a grande dificuldade que os alunos enfrentam para redigirem um texto coeso e coerente, ou seja, os textos produzidos por estes têm falta de elementos estruturais léxico-gramaticais, o que nos faz pensar que os mesmos alunos não estão preparados para notarem aspectos importantes na construção do sentido.

Por este motivo, por um lado decidimos inscrever esta dissertação nesta linha de pesquisa, que procurará estudar como os princípios da coesão textual podem ser aplicados à análise de questões de compreensão de textos escritos pelos alunos, a fim de se chegar a uma resposta objectiva em relação à questão que será analisada e desenhar estratégias de ensino-aprendizagem com vista a colmatar o problema em questão.

Por outro lado, propomo-nos compreender os processos linguísticos e cognitivos que permeiam a utilização da língua de maneira geral, mais especificamente, no que diz respeito à produção de textos no ensino médio, em particular na 11^a classe, de modo a

constituir a pesquisa intitulada “Uso de conexões adversativas nos textos escritos pelos alunos da 11^a classe – Caso da Escola Secundária da Polana”, que será apresentada como trabalho de conclusão do curso de Mestrado em Ensino de Português como Língua Segunda (L2).

1.2. Importância do Estudo

A necessidade de construir uma nova prática pedagógica, de acordo com os novos tempos, e a busca de conhecimento estão directamente ligadas à nossa área de trabalho, pois, como professores, acreditamos que o melhor profissional é aquele que ensina sem deixar de aprender e de buscar uma forma de tornar o ensino mais prazeroso para os alunos.

Houve um tempo em que acreditávamos que ensinar era simplesmente fazer o aluno “entender” e “decorar” regras. Nessa postura, víamos o processo ensino-aprendizagem apenas sob o ponto de vista do ensino, ignorando, que nesse processo existem duas faces diferentes, ou seja, além do professor, existe a figura do aluno, alvo principal do nosso trabalho. Além disso, o facto de ensinar nem sempre implica o facto de que o aluno esteja realmente a aprender, pois reproduzir o conhecimento é muito diferente de construí-lo e de produzi-lo.

O trabalho com a estrutura textual nas escolas parece ainda estar muito atrelado à mera reprodução do conhecimento, ou seja, a repetição de regras gramaticais, vista a dificuldade que os alunos demonstram quando escrevem as suas produções.

Assim, podemos afirmar que a importância da nossa pesquisa reside no facto de propor algumas bases para que as aulas de produção de texto conduzam o aluno a repensar sobre a produção textual, através da apresentação de algumas propostas de trabalho, contribuindo deste modo para o desenvolvimento do estudo linguístico textual discursivo dos conectores adversativos e para o processo de ensino-aprendizagem do Português como L2.

1.3. Objectivos do Estudo

Esta dissertação tem como objectivo apresentar os pressupostos teóricos da LT, a partir dos quais se analisarão as produções textuais dos alunos da 11^a classe que apresentam problemas de coesão, em particular, de uso de conexões adversativas.

Assim, far-se-á uma análise do aspecto semântico dos conectores¹ nos textos dos alunos mostrando, principalmente, que os problemas apresentados pelos mesmos não se limitam aos “desvios” em relação à norma padrão, mas muitas vezes dizem respeito às relações lógico-semânticas e semântico-pragmáticas estabelecidas no texto. Esse pode ser considerado o objectivo geral do trabalho.

Como objectivos específicos, buscaremos discutir as relações de sentido marcadas pelos conectores utilizados e, conseqüentemente, observar se o emprego desses conectores é adequado ao momento em que estão sendo utilizados no texto, isto é, se correspondem às intenções comunicativas dos alunos.

Esta dissertação também procurará ser tentativa de esclarecimento de possíveis lacunas acerca do tema, pois os conectores adversativos ainda são apresentados aos alunos apenas ao nível da conexão de orações, no âmbito da frase complexa por coordenação, não sendo perspectivada a sua função textual/ discursiva. No resto, o sentido e o papel desses conectores são ignorados, pois, na maioria dos casos, apenas as informações verbalizadas nas frases são consideradas, não se destacando, por exemplo, a função dos conectores adversativos do ponto de vista argumentativo.

Para atingir os objectivos propostos, num primeiro momento faremos uma revisão bibliográfica pertinente relacionada com o tema em estudo, com base nos estudos de alguns autores como: Beaugrande e Dressler (1981), Halliday e Hasan (1976), Van Dijk (1972), Lyons, J. (1977), Ducrot (1980), Mateus et *alii* (1983), Koch e Travaglia (1989, 2000), Fávero (1999), Bernárdez (1982), Coseriu (1967-1968), Marcuschi (1983), Kleiman (2004), Macário Lopes (1984, 2005), Prada (2002), Tomás (2003), Fabri (2001), Varela (2000), entre outros. Posteriormente, delimitaremos os conectores a serem

¹ Incluímos sob a designação de conectores quer as tradicionais conjunções referidas por Cunha e Cintra (1999) e Bechara (1999), quer expressões adverbiais com função conectiva referidas por Costa (2008).

analisados, definindo-os como os mais relevantes para esta análise, como por exemplo: *mas, porém, contudo, todavia, no entanto e entretanto*, pois são de grande ocorrência nos textos dos alunos.

1.4. Problema da Pesquisa

Todos os anos, milhares de alunos que vêm do ensino básico chegam ao ensino médio e se deparam com o mundo acadêmico, cuja perspectiva, em termos de acesso ao conhecimento, se amplia quase ao infinito. Eles se vêem, então, às voltas com produções textuais bastante diferentes de tudo o que já haviam realizado (e mesmo lido) nos níveis educacionais anteriores.

A maioria destes alunos tem dificuldades ao estabelecer relações de sentido mais simples (algo que pode ser facilmente constatado nos textos escritos pelos mesmos), e quando se deparam com textos teóricos mais complexos, então o quadro que se apresenta para os professores que os acompanham é desalentador.

Se analisarmos os textos escritos pelos alunos do nível médio, verificaremos que há vários problemas em sua produção, desde os mais simples erros ortográficos às mais complexas incongruências sintáticas, semânticas e discursivas.

Assim, levando em conta o emprego e funções dos conectores adversativos, e tomando por base os conceitos da LT, na sua vertente semântico – discursiva, urge a necessidade de saber se os alunos da 11^a classe socorrem-se desses mecanismos disponíveis na língua portuguesa para construir textura específica, e se essa textura respeita as relações lógico – semânticas e semântico – pragmáticas que permitem conceber o texto como uma unidade de sentido, e que funções semânticas desempenham os conectores adversativos nos textos escritos pelos mesmos.

1.5. Hipótese da Pesquisa

Segundo Mmuya (2007: 49), de entre outras funções, no contexto da pesquisa científica a hipótese de investigação “serve como guia de resolução de um problema, é um esquema de orientação sobre cujos pontos se demonstra como e o que pode ser feito pelo investigador para resolver problemas”. Assim, como ponto de partida da nossa pesquisa e tendo em atenção o facto de que os conectores são responsáveis pela orientação do discurso, no sentido de levarem o interlocutor a um determinado tipo de conclusão em detrimento de outras conclusões, partimos da seguinte hipótese:

- Os alunos da 11^a classe socorrem-se desses mecanismos disponíveis na língua portuguesa para construir textura específica, mas essa textura, em muitos casos, não respeita as relações lógico – semânticas e semântico – pragmáticas que permitem conceber o texto como uma unidade de sentido.

1.6. Organização do Trabalho

Este estudo é constituído por seis capítulos e a sua organização deriva claramente dos conteúdos presentes no título do mesmo: *uso de conexões adversativas nos textos escritos pelos alunos da 11^a classe – o caso da Escola Secundária da Polana*.

O capítulo 1 é introdutório, contextualiza a pesquisa, tece considerações gerais acerca do objecto, dos principais objectivos, motivação e importância do estudo, do problema da pesquisa e a respectiva hipótese.

O capítulo 2 é referente à revisão bibliográfica do estudo. Neste capítulo faz-se uma abordagem sobre a LT, sobre o conceito de texto e parâmetros de textualidade, coesão textual, mecanismos coesivos, os conectores como mecanismos de coesão, pela sinalização de nexos semânticos entre segmentos textuais, e procede-se ainda à caracterização sintáctica e semântica das conexões adversativas (sinalizadas por *mas, porém, todavia, contudo, no entanto e entretanto*).

No capítulo 3 faz-se referência à metodologia da investigação, nomeadamente as técnicas de recolha de dados (composição livre), local de recolha de dados (Escola Secundária da Polana) e o perfil sociolinguístico dos alunos que produziram o *corpus* para esta pesquisa.

No capítulo 4 apresentam-se os dados da pesquisa, tendo em conta a distribuição das ocorrências dos conectores adversativos, nos textos escritos pelos alunos, em função dos valores semânticos identificados nos mesmos textos (negação de expectativa e oposição semântica). Apresenta-se ainda os casos em que os conectores adversativos dão origem a produtos textuais superiores ao período, ou seja, assinalam a mudança de tópico discursivo. Em seguida, analisam-se os dados, tendo em conta o uso adequado e inadequado dos mesmos conectores.

No capítulo 5 propõem-se estratégias de ensino-aprendizagem do uso de conectores adversativos, com vista a solucionar o problema de mau uso desses conectores.

Por último, no capítulo 6 apresentam-se as conclusões do estudo, em função dos assuntos desenvolvidos em cada capítulo, e faz-se recomendações, encorajando a prossecução de mais estudos do género.

Apresenta-se ainda em apêndice o questionário usado para recolha dos dados sociolinguístico dos alunos.

CAPÍTULO II – REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA

2.1. Linguística Textual

O estudo da coesão textual tem sido predominantemente desenvolvido dentro do ramo da Linguística a que se denomina Linguística do Texto (LT). Cabe-nos, assim, inicialmente, dizer algumas palavras sobre esta corrente da Linguística moderna.

Segundo Lopes (1984), a LT é um ramo da Linguística que surgiu na segunda metade dos anos sessenta, na Europa, sobretudo na Alemanha e na Holanda, resultado do trabalho desenvolvido por vários linguistas devido às novas formas de estudar a linguagem em que o texto era tido como o principal objecto de estudo.

Nesses trabalhos, para se diferenciarem das outras escolas linguísticas, com a intenção de ampliar e de substituir as teorias existentes, os estudiosos destacavam a necessidade de estudar outras dimensões da linguagem como a do texto, facto que ia de encontro às teorias que se limitavam ao estudo da palavra e da frase. Por isso, não é difícil entender porque, desde o seu surgimento, várias concepções de texto acompanham a sua história.

As causas atribuídas ao surgimento da LT, de acordo com Bernadéz (1982: 28-30), estão ligadas aos estudos sintácticos oriundos, fundamentalmente, do gerativismo, já que a maioria dos linguistas que estudam o texto, como Harwey, Pike e Halliday, procede do campo gerativista, ainda que alguns tenham vindo de uma e outra escola estruturalista, não gerativista.

Bernárdez cita também como causa determinante para o surgimento da LT a influência de disciplinas cujo estudo está estreitamente relacionado com a linguagem, pertencendo ao campo de tratamento automático da linguagem, desde a documentação até a tradução automática.

Segundo o autor, essas disciplinas necessitavam dispor de descrições linguísticas rigorosas adequadas ao tratamento de textos completos, isto é, não frases isoladas, como nos modelos linguísticos utilizados até então. Como parte desse campo, o autor apresenta como exemplo a obra “Análise automática do discurso”, de Michel Pêcheux, de 1969, como um dos primeiros livros em que se delineava a análise do texto. Outro tipo de

influência, continua o autor, provém da situação intelectual em que se movia a linguística, isto é, as ideias gerais sobre o desenvolvimento e as necessidades das ciências.

Nos anos setenta, ainda segundo Bernárdez, houve, na Europa, “ uma autêntica explosão de estudos textuais não apenas quanto ao número de participantes ou de publicações, mas também quanto ao número de modelos ou de teorias como os de Ju Martemjanov (1964), H. Isenberg (1968), T. A. Van Dijk (1972), S. Gindin (1972b), S. J. Petöfi (1974a), H. Rieser (1977), etc. Todavia, segundo o autor, faltou, naquele período, o aparecimento de introduções gerais sobre a LT, uma vez que as poucas existentes eram sempre introduções a uma determinada teoria. Essa é a razão dada pelo autor para a sua própria introdução à LT, cujo objectivo é o de caracterizar o verdadeiro lugar da linguística do texto entre os estudos da linguagem”. (Bernadéz, 1982: 28-30).

A expressão “linguística do texto”, ocorreu pela primeira vez em “ Determinación y entorno”, capítulo da obra *Teoria del Lenguaje y Linguística General*, de Eugénio Coseriu, publicada em 1956. (Coseriu, 1956: 286).

De acordo com Beaugrande e Dressler (1981:22), Coseriu trata nesse texto do facto de que a investigação linguística exige “não só a consideração do conhecimento dos falantes sobre a sua própria língua, mas também as técnicas que empregam para converter esse conhecimento linguístico em actividade linguística”. Para esses autores, se as ideias de Coseriu tivessem recebido a devida atenção, teria sido evitada boa parte dos defeitos negativos provocados pelas tentativas posteriores de descrever a linguagem sem considerar seus usos e funções.

Sem pretender dar um carácter linear à história, Bernárdez (1982: 34 - 35) destaca duas fases da LT. Na que denomina como primeira fase, afirma que não houve “ uma intenção de se separar radicalmente da gramática tradicional baseada na oração, ainda que alguns autores, como Iceberg, vissem a necessidade de separar, de algum modo, gramática oracional e gramática textual”. A principal polémica, desde então, reside na intenção de demonstrar que “o texto era um objecto tão digno de estudo linguístico como a oração”.

Na segunda fase, ainda conforme Bernárdez, a LT passa a considerar o texto como uma unidade basicamente comunicativa. Nessa fase, buscou-se um meio linguístico que servisse para estudar o texto, entendido fundamentalmente como fenómeno comunicativo.

De acordo como Bernárdez (1982: 35), a partir desse novo conceito, o autor faz referência ao facto social da interacção verbal e, retomando a reflexão de Valentim Voloshinov, feita por volta de 1930, afirma que, ao examinar o texto, “estuda-se uma realidade linguística diferente da do sistema da língua que era objecto de estudo das escolas anteriores”. Além disso, continua Bernárdez, do ponto de vista das funções comunicativas da linguagem, a realidade representada pelo texto (*interacção verbal que ocorre em um ou mais enunciados*) é a “verdadeira” realidade, o que é comprovado na obra de Voloshinov que destaca esse aspecto comunicativo da linguagem e do texto.

Com referência a Voloshinov, Bernárdez confere à noção de texto da LT um componente social, e, assim, o texto, como fenómeno social de interacção verbal, passa a ser o resultado de uma situação concreta de comunicação. Esse enfoque também é observado na definição de texto de Beaugrande (1997:10): “um evento comunicativo no qual convergem acções linguísticas, cognitivas e sociais, e não apenas como uma sequência de palavras que foram ditas ou escritas”.

Para Fávero e Koch (1988: 11-15), a LT toma como unidade básica, como objecto particular de investigação, não a palavra ou a frase, mas o texto, a forma específica de manifestação da linguagem, para a comunicação. As autoras ainda definem a finalidade da LT, que é reflectir sobre os fenómenos linguísticos que não são explicáveis por meio de uma gramática da frase, sendo que essa teoria tem como tarefa, entre outras: 1) determinar os princípios de constituição de um texto, verificando o que faz o texto ser um texto, ou seja, determinar os factores responsáveis pela sua coerência; 2) diferenciar os vários tipos de texto; 3) levantar critérios para a delimitação dos textos.

Já Coseriu (1967: 282 - 323) tinha chamado a atenção para o facto de que, no texto, é possível encontrarmos não só procedimentos linguísticos, ou sistemáticos da língua, mas também todas as possibilidades de utilização do discurso. Por esta razão, o texto não poderia ser examinado apenas por meio de métodos estruturais. Assim, percebemos que a

análise textual que propomos não se dá de modo superficial, mas de forma que seja feito um estudo que envolva os componentes sintáticos, semântico e pragmático, de maneira integrada.

O surgimento da LT, conforme Bernárdez (1987: 9), ocorreu “a partir de disciplinas e tendências linguísticas ou não, mais ou menos inter-relacionadas: retórica, poética, estilística, gramática, especialmente a gerativa [...], teoria da linguagem, psicolinguística”. Além dessas, Beaugrande e Dressler (1981) acrescentam outras disciplinas como os estudos literários, a antropologia, a sociologia, os estudos de conversação ou análise do discurso, já que compartilhavam interesses com a ciência do texto.

Essa integração ressalta o papel interdisciplinar da LT, já que aglutina vários campos com abordagens muito diferentes. Essa interdisciplinaridade começa, de facto, pelo progresso da semântica e da pragmática do texto. Aliás, nas palavras de Bernárdez (1982: 20), a LT surgiu como uma “linguística decididamente semântica e pragmática”.

Se não há uma unidade no tratamento teórico da LT, há um consenso absoluto entre os estudiosos quanto ao facto de a origem do estudo do texto ser mais antiga, já que remonta à antiguidade clássica, com a Retórica.

De acordo com Beaugrande e Dressler (1981), a Retórica é a forma mais antiga de preocupação com o texto desde a Grécia e a Roma antigas, passando pela Idade Média, até os nossos dias. Segundo os autores, a perspectiva tradicional adoptada pelos retóricos foi influenciada pela tarefa de treinamento dos oradores públicos. Por regra geral, as áreas principais de investigação eram as seguintes: “a *invenção*, ou selecção de ideias; a *disposição*, ou organização de ideias; a *elocução*, ou selecção de expressões apropriadas para as ideias; e *memorização* prévia para a liberação na ocasião de fala”. Na Idade Média, afirmam os autores, a Retórica pertencia a um “*trivium*, ao lado da Gramática (estudo dos padrões formais das línguas latina e grega) e da Lógica (construção de argumentos e provas)”. (Beaugrande e Dressler, 1981: 15).

Outra disciplina com a qual esses autores relacionam a LT é a Estilística. Para tanto, apresentam as quatro modalidades de estilo identificadas por Quintiliano, escritor latino

da Antiguidade (século I d. C.): *correção*, *clareza*, *elegância* e *adequação*. Explica a noção de “*correção*, que corresponde ao uso da língua de prestígio”, e a de *adequação*, que é a concordância entre sua colocação e o modo como as normas de textualidade são respeitadas. As normas a que se referem os autores são as por eles denominadas como princípios constitutivos: a *coesão*, a *coerência*, a *intencionalidade*, a *aceitabilidade*, a *informatividade*, a *situacionalidade* e a *intertextualidade*.

Em relação às noções de *clareza* e *elegância*, afirmam que parecem, em princípio, demasiado vagas e subjectivas para que possam ser definidas e quantificadas de maneira confiável. Segundo os autores, essas noções estilísticas não são idênticas, mas são parecidas com a de *eficácia* e a de *efectividade*, princípios regulativos defendidos pelos autores juntamente com as normas de textualidade já citadas. A diferença, concluem, está no facto de as categorias de Quintiliano se basearem na suposição de que os textos diferem em qualidade em virtude do grau dos recursos de processamento empregados na sua produção. Já as noções de *eficácia* e de *efectividade*, enquanto princípios regulativos, baseiam-se no que ocorre no próprio processo comunicativo, uma vez que controlam a comunicação textual.

Segundo Beaugrande (1997: 62), “actualmente, a linguística do texto deve ser definida como um subdomínio linguístico em uma ciência transdisciplinar do texto e do discurso”.

Tendo apresentado essa breve descrição da LT, destacamos dois aspectos que consideramos mais relevantes para o propósito desta pesquisa: a função interaccional de texto e o papel transdisciplinar da LT. O primeiro, porque o novo conceito de texto deixa de ser comparado à frase e assume função interaccional. O segundo, porque a LT, além de aglutinar disciplinas e/ou tendências linguísticas inter – relacionadas propõe, actualmente, uma abordagem que integra texto e discurso.

Portanto, do que ficou acima referido podemos concluir que a LT é justamente a área de investigação que elege o estudo do texto e, mais concretamente, dos aspectos linguísticos da organização textual, como objecto de conhecimento.

2.2. Conceito de Texto

Para se compreender melhor o fenómeno de produção de textos, importa compreender previamente o que o caracteriza, já que o que as pessoas têm a dizer uma às outras não são palavras nem frases isoladas, são textos.

Segundo Lopes (2005: 1), “focalizando a comunicação realizada através da linguagem verbal, verificamos que os sujeitos participantes no processo comunicativo produzem e recebem, na oralidade ou na escrita, fragmentos linguísticos de extensão variável”.

Assim, nesta dissertação, tal como Lopes, utilizaremos o termo *texto* para designar esses produtos verbais que emergem na interacção oral ou escrita, e consideraremos *texto* e *discurso* como termos sinónimos, na esteira, entre outros, de Fonseca 1992.

De acordo com Mateus et *alli* (1983:134) “qualquer falante sabe (empiricamente) que a comunicação verbal não se faz através de palavras isoladas, desligadas umas das outras e do contexto em que são produzidas. De facto, as manifestações naturais da linguagem humana são configurações de uma qualquer língua natural, dotadas de sentido, e visando um dado objectivo comunicativo. As tais configurações chamamos **texto ou discurso**. Precisando um pouco mais, um *texto* (um *discurso*) é um objecto materializado numa dada língua natural, produzido numa situação concreta e pressupondo os participantes locutores e alocutores, fabricado pelo locutor por selecção sobre tudo o que, nessa situação concreta, é dizível para (e por) esse locutor a um determinado alocutário.”

Lopes (2005) considera o *texto* como fragmento verbal intencionalmente produzido por um sujeito ancorado num tempo e num espaço específico, e dirigido a uma instância de alteridade que de raiz desempenha um papel decisivamente interventor na sua génese e configuração.

Para a mesma autora, um texto/ discurso não se define pela sua extensão, mas antes pela sua unidade semântica e pela sua relevância pragmática. Para reforçar a sua posição, Lopes realça que, de facto, uma simples palavra, por exemplo, *olá*, *adeus* ou *parabéns* pode funcionar como texto/ discurso, uma vez que materializa e cumpre uma função comunicativa precisa (uma saudação, uma despedida, uma felicitação, respectivamente).

Para Lopes, “não sendo, pois, a extensão um critério definitório, é, no entanto, verdade que prototipicamente um texto envolve uma sequência de enunciados, pondo em jogo mecanismos linguísticos de organização transfrásica”.

Fávero e Koch (1994) apresentam uma multiplicidade de conceituações, partindo de um enfoque bastante amplo, na base da concepção de texto como toda e qualquer forma de comunicação fundada num sistema de signos (como um romance, uma peça teatral, uma escultura, um acto religioso, entre outros), e chegando a uma definição mais estrita. Nessa definição, o conceito de texto refere-se a uma unidade linguística de sentido e de forma, falada ou escrita, de extensão variável, dotada de “textualidade”, ou seja, de um conjunto de propriedades que lhe conferem a condição de ser compreendido pela comunidade linguística como um texto. Assim podemos dizer que o texto é uma unidade comunicativa básica, aquilo que as pessoas têm a dizer uma às outras.

Segundo Koch (1997: 21) “é sabido que, conforme a perspectiva teórica que se adopte, o mesmo objecto pode ser concebido de maneiras diversas. O conceito de texto não foge à regra. E mais: mesmos nos quadros da LT, que tem no texto seu objecto precípua de estudo, o conceito de texto varia conforme o autor e/ou a orientação adoptada.”

Neste contexto, Koch (2001) mostra que várias concepções de texto têm acompanhado a história da LT, levando-a a assumir formas teóricas diversas, diante de novas perspectivas, entre as quais se destacam:

- Texto como discurso “congelado”, produto acabado de uma acção discursiva (fundamentação discursivo-pragmática);
- Texto como verbalização de operações e processos cognitivos (fundamentação cognitivista).

Para Bronckart (1999: 71), textos são produções verbais efectivas que assumem aspectos muito diversos, por serem articuladas a diferentes situações de comunicação. A variedade das produções verbais é consequência da variedade das actividades humanas.

Para o mesmo autor “... a noção de texto designa toda unidade de produção de linguagem que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário”. (Bronckart 1999: 71).

A seguir, apresentamos as propriedades mais salientes e relevantes que têm sido apontadas em termos de textualidade, de acordo com Beaugrande e Dressler (1981) e Mateus et *alli* (2003).

2.3. Parâmetros de Textualidade

Segundo Beaugrande (1980: 19 - 20), a textualidade é o conjunto de propriedades que uma manifestação da linguagem humana deve possuir para ser reconhecida como um texto. Ela faz parte da competência comunicativa dos falantes, ou seja, é um componente do saber linguístico - comunicativo das pessoas.

Para Beaugrande e Dressler (1981), os tais componentes são: *aceitabilidade*, *situacionalidade*, *intencionalidade*, *informatividade*, *intertextualidade*, *coerência* e *coesão*.

De acordo com Mateus et *alli* (2003: 87-88), esses componentes designam:

- **Aceitabilidade:** “atitude do alocutário/ ouvinte/ leitor que consiste em considerar que uma dada configuração de elementos linguísticos que lhe cabe interpretar é uma unidade dotada de sentido. Consoante a instituição em que o texto é produzido, circula e é reconhecido, a posição e o poder simbólico dos participantes, a relação entre eles, o assunto do texto e o tipo de texto, são tolerados em maior ou menor grau desvios, rupturas, reformulações, imprecisões. Assim, quanto mais informal é a situação e mais conhecido o assunto sobre que se fala/escreve, tanto maior é a tolerância dos participantes relativamente à aceitabilidade do mesmo”.
- **Situacionalidade:** “os factores que fazem com que um texto seja relevante para uma dada situação, explícita ou recuperável. A situacionalidade de um texto pressupõe os participantes locutores/escritor e alocutário/ouvinte/leitor como sujeitos situados, com lugares ou papéis sociosimbolicamente regulados, bem

como todos os factores reguladores da interacção verbal. Se um texto é relevante para uma dada situação, diz-se que é apropriado ou adequado”.

- **Intencionalidade:** “o esforço de quem fala ou escreve um texto para construir um discurso coerente, coeso e capaz de atingir os objectivos que o emissor tem em mente”.
- **Informatividade:** “o equilíbrio entre a informação (já) conhecida ou previsível e a informação nova. Há, pois, uma textura interna em que a continuidade e progressão de informação se interligam de modo a que seja possível processar e armazenar elementos cognitivos novos e ao mesmo tempo activar elementos cognitivos já introduzidos na memória dos falantes. O grau de informatividade é tanto maior quanto mais inesperada for uma dada ocorrência textual, isto é, quanto mais numerosas forem as alternativas a essa ocorrência textual e, portanto, quanto mais improvável for a ocorrência textual efectivamente seleccionada. Como é natural, um texto com um baixo grau de informatividade tem efeitos negativos sobre a atenção do alocutário/ouvinte/leitor, enquanto um texto com elevado grau de informatividade potencia, em geral, a concentração dos recursos de processamento do alocutário/ouvinte/leitor na sua interpretação”.
- **Intertextualidade:** “a relação entre um determinado texto e outros textos relevantes, que fazem parte da experiência anterior do locutor/escritor e alocutário/ouvinte/leitor. Esta propriedade relaciona, portanto, um texto concreto com a memória textual colectiva, com a memória de um grupo ou de um indivíduo específico, ou seja, um texto interage com a memória textual colectiva, onde se encontram arquivados ou registados modelos textuais. Tal interacção é um dos factores estruturantes de cada texto concreto, na medida em que é na memória textual colectiva e de grupo que se funda a definição de *modelos textuais*, e manifesta-se materialmente num dado texto através de citações, remissões, comentários, reformulações ou relatos de fragmentos de textos relevantes”.
- **Coerência²:** o modo como os elementos presentes no texto, subjacente à superfície textual, constituem, na mente dos interlocutores, uma *configuração veiculadora de sentido*. É resultado da construção do sentido, realizada pelos

² Segundo Travaglia (1999), a coerência é o critério básico da textualidade, mas como esta propriedade não é o cerne da nossa pesquisa não será abordada com profundidade.

interlocutores numa determinada situação de interação, na dependência de factores de ordem cognitiva, situacional, sociocultural e interaccional. Por outras palavras, podemos entender a coerência como o que faz com que um texto pareça “lógico”, consistente, aceitável, com sentido. Tem a ver com as “ideias” do texto, com os conceitos e as relações entre conceitos que esse texto põe em jogo, de que tópicos o texto fala, o que diz sobre eles, como organiza e articula esses tópicos, por exemplo, com relações de causa, consequência, ou de anterioridade, simultaneidade, posterioridade, ou de inclusão, exclusão, ou de semelhança. A coerência, portanto, trata da possibilidade, e mesmo da necessidade, de atribuição de sentido às produções textuais, condição básica para que essas produções sejam entendidas e assumidas como tais. A coerência não é uma propriedade formal do texto enquanto objecto empírico, ela resulta do processo interpretativo realizado pelo alocutário/ouvinte/leitor.

- **Coesão:** o conjunto de estratégias de sequencialização responsável pelas ligações linguísticas relevantes entre os constituintes articulados no texto. Essas ligações podem ocorrer tanto no nível semântico, referentes aos sentidos veiculados, como no nível sintáctico, relativas às questões de ordenação desses constituintes, interligando os recursos léxico-gramaticais presentes na superfície do texto.

Este parâmetro de textualidade, deixado deliberadamente para o fim, do ponto de vista linguístico, tem suscitado uma reflexão mais profunda, pelo facto de um texto exibir tipicamente mecanismos léxico-gramaticais de sequencialização que garantem uma ligação semântica entre diferentes segmentos/enunciados textuais que o compõe, como poderá ser constatado no ponto seguinte, desta dissertação.

2.4. Coesão Textual

Segundo Beaugrande e Dressler (1981), a coesão diz respeito à maneira como as palavras e as frases que compõe um texto, os chamados componentes da superfície textual, encontram-se conectadas entre si numa sequência linear, por meio de dependências, de ordem semântica.

Para Halliday e Hasan (1976), a coesão ocorre quando a interpretação de alguns elementos no discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de

que não pode ser efectivamente descodificado excepto recorrendo ao outro. Para esses autores, quando isso acontece, a relação de coesão é estabelecida e os dois elementos, são, por isso, integrados ao texto. Assim, o conceito de coesão é semântico e refere-se à relação de significado que existe dentro do texto e que o define como texto.

Na concepção de Koch (2004: 18), a “coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”.

Oliveira (2009: 193)³ considera que, a coesão textual é uma das mais fundamentais propriedades para o estabelecimento da textualidade: diz respeito à unidade semântico-sintáctica que deve marcar a produção textual.

Para a mesma autora, a coesão pode ser definida como o conjunto de estratégias de sequencialização responsável pelas ligações linguísticas relevantes entre os constituintes articulados no texto. Essas ligações podem ocorrer tanto no nível semântico, referentes aos sentidos veiculados, como no nível sintáctico, relativas às questões de ordenação desses constituintes. A coesão, pois, obtém-se por intermédio de activação do sistema léxico – gramatical.

Neste contexto, podemos inferir que a coesão institui uma relação semântica entre um elemento do texto e algum outro elemento que seja de extrema relevância para que se estabeleça a interpretação do primeiro. A coesão, por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito ao conjunto de recursos léxico-gramaticais por meio dos quais uma frase se liga à que veio anteriormente, proporcionando, assim, a criação do texto.

Ao fazer uso de elementos coesivos, o texto adquire um toque especial de legibilidade, graça aos tipos de relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem.

Segundo Koch e Travaglia (1999: 40), a coesão entende-se, portanto, como “a ligação, a relação, os nexos que se estabelecem entre os elementos que constituem a superfície textual.” Ao contrário da coerência, é explicitamente revelada através de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superficial do texto,

³ Cf. Oliveira (2009) in Martelotta (2009: 193) (org).

“o que lhe dá o carácter *linear*, uma vez que se manifesta na organização sequencial do texto.”

Para Fávero (2005), a coesão vai sendo construída e se evidencia pelo emprego de diferentes procedimentos, tanto no campo do léxico, como no da gramática. Ela se realiza nas relações entre elementos sucessivos, tais como: artigos, pronomes adjetivos, adjectivos em relação aos substantivos; formas verbais em relação aos sujeitos, uso correlativo de tempos verbais, etc., na organização de períodos, de parágrafos, das partes do todo, como formadoras de uma cadeia de sentido capaz de apresentar e desenvolver um tema. Construída com elementos gramaticais e lexicais, confere unidade formal e semântica ao texto.

Fávero salienta ainda que, ao assinalar a conexão entre as diferentes partes do texto, tendo em vista a ordem em que aparecem, a coesão é sintáctica, e também semântica.

Neste âmbito, as diferentes visões atrás apresentadas nos levam a compreender que os elementos que garantem a coesão textual colaboram para a manutenção do tema, o estabelecimento de relações semânticas e/ou pragmáticas entre segmentos maiores ou menores do texto, a ordenação e articulação de sequências textuais.

Podemos dizer que a presença dos elementos coesivos não garante, por si só, a coerência do texto; no entanto, é reconhecido que tais elementos são prototipicamente utilizados para a construção do significado global do texto.

2.5. Mecanismos Coesivos

Marcuschi (1983) define elementos de coesão como aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto, afirmando que eles não são meramente sintácticos, mas há uma espécie de semântica da sintaxe textual, isto é, os princípios formais de uma língua permitem estabelecer relações de sentido entre os elementos linguísticos do texto.

Kleiman (2004) aponta o conjunto dos elementos “que formam as ligações no texto” como aqueles que relacionam suas diversas partes, sendo, também, instrumentais na construção de um significado global para o texto. Esses elementos coesivos apresentam-

se como: “repetições, substituições, pronominalizações, uso de deícticos, elementos estes internos ao texto que permitem construir, com base na leitura, um cenário enxuto, com poucos elementos [...]”.

Halliday e Hasan (1976) apresentam cinco mecanismos de coesão: a *referência* (pessoal, demonstrativa, comparativa); a *substituição* (nominal, verbal, frásica); a *elipse* (nominal, verbal, frásica); a *conexão* (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa); e a *coesão lexical* (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos, colocação), sendo que cada um desses mecanismos possui características próprias⁴.

Para os mesmos autores, são elementos de *referência* os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação. Aos primeiros, os autores denominam *pressupontes* e aos últimos, *pressupostos*, podendo a referência ser situacional (exofórica) e textual (endofórica).

A *substituição* consiste, para os autores em apreço, num tipo de remissão coesiva em que, distintamente da referência, o termo substituído não recupera totalmente o item a que se refere; na substituição, há uma certa matização dos sentidos então articulados, que pode se traduzir sob a forma de uma maior especificação, uma reorientação ou reavaliação.

A *coesão lexical* é um tipo de vinculação textual fundado na selecção e na relação dos termos textuais articulados, termos esses retomados literalmente, como no caso da repetição, ou particularmente, por intermédio de sinónimos ou hiperónimos, por exemplo.

A *conexão* é o mecanismo de coesão, que permite estabelecer relações significativas específicas entre as orações do texto. Tais relações são assinaladas explicitamente por marcadores formais que correlacionam o que está para ser dito àquilo que já foi dito. Trata-se dos diversos tipos de conectores como *e*, *mas*, *porém*, *todavia*, etc.

⁴ Nesta tese abordaremos com profundidade a conexão adversativa, por ser o cerne da nossa pesquisa. Os outros mecanismos coesivos serão referidos superficialmente e poderão ser confrontados, entre outros, em Vilela, M. e Koch, I. V. (2001).

Halliday e Hasan apresentam, como principais tipos de conexão, a *aditiva*, a *adversativa*, a *causal*, a *temporal* e a *continuativa*, mas para a presente dissertação faremos referência apenas à conexão adversativa, como já havíamos referido, por ser o cerne do nosso trabalho e por exprimir relações de contraste pela sinalização de nexos semânticos entre segmentos textuais, como se poderá constatar nos pontos seguintes.

2.6. Os Conectores como mecanismos de coesão, pela sinalização de nexos semânticos entre segmentos textuais

A noção de conector releva, em primeiro lugar, do âmbito da lógica, especificamente das lógicas clássicas de primeira ordem (lógica dos predicados e lógica das proposições). Foram identificados, neste contexto, os conectores de conjunção, disjunção, condicionalidade e bicondicionalidade⁵. “São estes comportamentos fixos que definem a operacionalidade dos conectores, em termos de cálculo proposicional: trata-se, então, de determinar o valor de verdade de uma proposição complexa a partir dos valores de verdade das proposições simples conectadas”. (Lyons 1977).

De acordo com Vilela e Koch (2001: 259), as gramáticas tradicionais, ao invés de *conector* usam o termo *conjunção* para designar meios de que a língua dispõe para estabelecer a ligação entre palavras, grupos de palavras e frases e, simultaneamente, para exprimir determinadas relações semânticas entre as unidades ligadas.

A tradição gramatical também identificou as conjunções como elementos com uma função de ligação entre frases (ou entre orações expressas por frases)⁶.

Para Ducrot et *alli* (1980), a descrição dos conectores numa perspectiva especificamente linguística desenvolveu-se sobretudo a partir de trabalhos de Oswald Ducrot (e da equipa a ele ligada), podendo destacar-se, nesta matéria, a publicação de *Les mots du discours*, que data de 1980. No primeiro capítulo, significativamente intitulado “Analyse de textes et linguistique de l'énonciation”, Ducrot lembra que os conectores lógicos articulam

⁵ Condicionalidade e bicondicionalidade podem também ser referidas como implicação e equivalência, respectivamente.

⁶ Dizem os autores da Nova Gramática do Português Contemporâneo: “*Conjunções* são os vocábulos gramaticais que servem para relacionar duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração. As conjunções que relacionam termos ou orações de idêntica função gramatical têm o nome de coordenativas. (...) Denominam-se subordinativas as conjunções que ligam duas orações, uma das quais determina ou completa o sentido da outra.” CUNHA & CINTRA 1984: 575.

sempre dois segmentos que correspondem, também sempre, a proposições (imediatamente à esquerda e à direita do conector); a partir daqui, o autor mostra que na linguagem natural, pelo contrário, a relação de conexão não é automaticamente recuperável⁷:

- As entidades semânticas conectadas podem ser de natureza diferente, isto é, podem corresponder a segmentos materiais do texto, a enunciações e aos conteúdos implícitos;
- Um mesmo movimento de conexão pode envolver mais do que duas entidades (por exemplo, a estrutura p MAS q envolve, além dos argumentos p e q, as conclusões implícitas que lhes estão associadas (respectivamente r e não-r);
- Quando o conector articula segmentos materiais do texto, não é garantido que esses segmentos ocorram imediatamente à esquerda ou à direita do conector (no exemplo *O Pedro já chegou. De facto, o carro dele está ali estacionado. Mas não tens nada a ver com isso*, o antecedente do conector *mas* não é o segmento que o precede imediatamente, mas o que ocorre mais à esquerda⁸);
- A dimensão dos segmentos textuais conectados não é previsível à partida: como sublinha o próprio Ducrot, um conector pode articular parágrafos inteiros.

Como já havíamos referido, em nota, na parte introdutória desta dissertação, incluímos sob a designação de conectores quer as tradicionais conjunções referidas, por exemplo, por Cunha e Cintra (1999) e Bechara (1999), quer expressões adverbiais com função conectiva (advérbios conectivos) (cf. Costa, 2008; Mateus et *alli*, 2003; Quirk et *alli*, 1985 e Renzi).

Segundo Costa (2008: 60), os advérbios conectivos são utilizados no estabelecimento de nexos entre frases ou constituintes. Estes podem encontra-se em relações de subordinação ou de coordenação. Entre vários advérbios conectivos o autor apresenta: *porém, contudo, portanto, conseqüentemente, então, assim*, etc.

Para o mesmo autor, os advérbios conectivos podem ter dois usos: ou são utilizados num contexto em que estabelecem a conexão entre, por exemplo, duas frases, como em (1):

⁷ Cf. Ducrot (1980: 17).

⁸ Exemplo adaptado de Ducrot (1980: 17).

Estou doente, *contudo* vou trabalhar; ou são utilizados apenas para reforçar uma conexão expressa por uma conjunção, como em (2): Quase todas as aves voam, *mas* os pinguins, *contudo*, não voam.

A distinção entre os advérbios conectivos e as conjunções também pode ser estabelecida com bases no critério sintático, ou seja, com base na mobilidade dos advérbios conectivos. As conjunções surgem sempre no início da segunda oração, como se pode constatar em (3):

(3) O Pedro está doente, *mas* a Maria o substituiu.

A ocorrência destas noutra posição torna a frase agramatical, como se verifica em (4):

(4) * O Pedro está doente, a Maria, *mas*, substitui-o.

Por seu turno, os advérbios conectivos podem ocupar outras posições, ocorrendo entre o sujeito e o predicado ou entre verbo e os seus complementos, como se pode verificar em (5) e (6):

(5) O Pedro está doente, *contudo* vai às aulas.

(6): O Pedro está doente, vai *contudo* às aulas.

Portanto, a função do conector pode estar associada a diferentes categorias gramaticais, conjunções de coordenação, conjunções de subordinação, expressões adverbiais e preposicionais com função conectiva. Note-se que, na recente edição da *Gramática da Língua Portuguesa*⁹, e na sequência do que vem sendo assumido por outros autores, tanto para o português como para outras línguas, Matos distingue conjunções de coordenação e conectores de coordenação: as primeiras correspondem às conjunções copulativas (*e*, *nem*), disjuntivas (*ou*, *ou...ou...*, *nem...nem...*, *ora...ora...*, *quer...quer...*) e adversativas (*mas*, *senão*); os segundos compreendem conectores contrastivos (*porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto*, *no entanto*), explicativos (*pois*, *que*, *porque*, *porquanto*) e conclusivos (*logo*, *pois* – quando posposto, *assim*, *portanto*, *por isso*, *por conseguinte*,

⁹ Mateus et *alli* (2003).

por consequência)¹⁰. A distinção estabelecida tem a ver com o facto de os (agora chamados) conectores de coordenação não manifestarem todas as propriedades formais atribuídas às conjunções¹¹, como poderemos constatar no ponto seguinte, ao estabelecermos a diferenças entre o *mas* e os outros conectores adversativos.

2.7. Caracterização Sintáctica das Conexões Adversativas

O principal conector adversativo, tanto em português como na maior parte das línguas europeias, é o *mas*, e o seu correspondente nas outras línguas, pelo que uma grande parte dos estudos sobre construções adversativas tem sido feita com base na análise do comportamento sintáctico-semântico deste unidade (cf., por exemplo, R. Lakoff, 1971; Ascombre e Ducrot, 1977; Blakemore, 1989; Lavacchi e Martínez, 1994; Koenig e Benndorf, 1998; Prada 2002; Tomás, 2003; Varela, 2000).

Para Tomás, além de *mas*, a gramática tradicional é praticamente unânime em apresentar *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto* e *entretanto* como outros conectores conjuncionais coordenativos adversativos. Em termos sintácticos, estes conectores não apresentam todos os mesmos comportamentos, distinguindo-se claramente *mas* dos restantes.

Fabri et *alli* (1999: 3) fizeram um estudo verificando as diferenças de emprego dos conectores *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto*, buscando explicações para as diferentes formas de estruturar o enunciado pelo uso desses conectores. Inicialmente, mostraram, como já foi dito, que o *mas* só é empregue no início da oração adversativa, como se atesta de novo em (7):

(7) O Pedro tocou a campainha, *mas* a Maria não atendeu.

Se este conector ocupar outras posições a frase tornar-se-á agramatical:

(8) * O Pedro tocou a campainha, a Maria *mas* não atendeu.

¹⁰ Cf. Matos (2003) in Mateus et al (2003: 565-574).

¹¹ Assim, os chamados conectores contrastivos (tradicionalmente incluídos nas conjunções adversativas) e conclusivos não ocorrem obrigatoriamente no início do termo coordenado e podem co-ocorrer com uma conjunção; além disso, os conectores contrastivos podem ocorrer no interior de uma frase subordinada. Os conectores explicativos, que têm um comportamento equivalente ao dos complementadores em construções de subordinação, só podem conectar frases e só são compatíveis com frases finitas. Cf. Duarte (2003: 565-574) in Mateus et al (2003).

(9): * O Pedro tocou a campainha, a Maria não *mas* atendeu.

(10): * O Pedro tocou a campainha, a Maria não atendeu *mas*.

Este facto não ocorre com os outros conectores em estudo, cujas posições nas frases podem ser diferentes: no início da oração adversativa, como se ilustra em (11), após o sujeito, como se atesta em (12) e depois do predicado, como se verifica em (13):

(11) O Pedro tocou a campainha, *todavia/contudo/porém...* a Maria não atendeu.

(12) O Pedro tocou a campainha, a Maria *todavia/contudo/porém...* não atendeu.

(13) O Pedro tocou a campainha,? a Maria não atendeu *todavia/contudo/no entanto...* ¹².

Tomás (2003: 71-73), no seu estudo sobre conectores discursivos contrastivos¹³, também estabeleceu diferenças entre estas unidades, chegando à conclusão que a tal diferença passa pela mobilidade que as mesmas apresentam. Este autor, à semelhança do que foi exposto por Fabri et *alli* (1999), através de testes sintácticos, também provou que todas elas podem ocorrer em início absoluto de 2º membro; simplesmente, enquanto para *mas* esta é a única posição aceitável, as restantes unidades apresentam maior mobilidade.

Ainda de acordo com Tomás, outra das principais diferenças passa pelas possibilidades de combinação destas unidades com a conjunção coordenativa copulativa *e*. Enquanto *mas* resiste a esta combinatória (cf. 14), tal resistência parece não se verificar com as restantes unidades, como se pode observar em (15):

(14) *A encomenda foi enviada há um mês *e, mas*, os correios ainda não a entregaram.

(15) A encomenda foi enviada há um mês *e, porém/todavia/contudo/no entanto/entretanto*, os correios ainda não a entregaram.

¹² O grau de aceitabilidade desta frase seria maior se o advérbio conectivo fosse separado por uma vírgula, por exemplo: O Pedro tocou a campainha, a Maria não atendeu, *todavia*.

¹³ Sobre este assunto vejam-se, entre outros, Matos (2003), in Mateus et *alli* (2003: 568 - 572)

Como se pode constatar nos exemplos (7) a (15), nas estruturas adversativas a ordem oracional é fixa. A oração que contém o conector adversativo surge sempre em segundo lugar, não podendo ocorrer no início da estrutura. Nos exemplos (14) e (15) está bem evidente que o conector *mas* não pode co-ocorrer com a conjunção copulativa *e*, co-ocorrência esta permitida pelas restantes unidades.

Para terminar o inventário sobre as diferenças entre estas unidades, Tomás fez uma abordagem do comportamento das mesmas perante os testes sintáctico-semânticos apresentados por Peres (1997), nomeadamente, *possibilidade de encaixamento da construção resultante da conexão como complemento de um verbo*, como em (19):

(16) O João sabe que [a encomenda foi enviada há um mês *mas* os correios ainda não a entregaram].

No enunciado (16), as duas orações da construção entre parêntesis funcionam como complemento do verbo, isto é, o João sabe que *a encomenda foi enviada há um mês* e também sabe que *os correios ainda não a entregaram*.

Vejamos agora o que acontece com a estrutura que envolve os outros conectores adversativos:

(17): * O João sabe que [a encomenda foi enviada há um mês, *porém/todavia/contudo/no entanto/contudo/entretanto* os correios ainda não a entregaram].

Em (17), a frase introduzida por *porém, todavia...* não parece funcionar como complemento do verbo *saber*: o João apenas sabe que *a encomenda foi enviada há um mês*.

Um outro teste apresentado por Peres é a *possibilidade de ocorrência do produto final resultante da conexão no escopo de um advérbio de frase*, como em (18):

(18) Possivelmente [a encomenda foi enviada há um mês *mas* os correios ainda não a entregaram].

No enunciado (18), toda a estrutura entre parêntesis encontra-se no escopo do advérbio de frase. Veja-se agora (19):

(19): *Possivelmente [a encomenda foi enviada há um mês, *porém/todavia/contudo/no entanto/entretanto* os correios ainda não a entregaram].

Em (19) apenas a primeira proposição encontra-se dentro do escopo do mesmo advérbio. A partir destes testes é possível concluir, e de acordo com Peres (1997: 777 e 784), que as construções adversativas com *mas* são produtos frásicos, enquanto as adversativas com *porém, todavia, contudo, no entanto* e *entretanto* são produtos textuais não frásicos.

Todas as diferenças anteriormente apontadas fundamentam a oposição/distinção entre *mas* e os restantes conectores. Assim, parece claro que *mas* ilustra as características dos conectores adversativos prototípicos (*mas* é uma conjunção de coordenação que dá origem a frase complexa), ao passo que *porém, todavia, contudo, no entanto* e *entretanto* se comportam de forma diferente, daí a designação de “advérbios conectivos”.

2.8. Caracterização Semântica das Conexões Adversativas

Os conectores adversativos apresentam prototipicamente valor de *contraste* (e.g., Quirk et *alli.*, 1985; Rudolph, 1996; e, para o Português, Lopes 1972; Peres 1997; Martelota 1998; Varela 2000; Prada 2002) embora possam, cumulativamente, veicular outros valores (e.g., Lakoff 1971; Anscombe e Ducrot, 1997, e, para o Português, Lima 1996; Peres 1997; Varela 2000; Prada 2002).

Os aspectos semânticos das construções adversativas têm sido estudados, sobretudo, a partir da análise do conector *mas*, de tal modo que têm sido identificados diversos usos de *mas*. Embora sem querermos generalizar os valores adversativos de *mas* a todas as construções em que ocorrem, julgamos que os valores identificados configuram um quadro mais ou menos completo da semântica das construções adversativas.

No nosso estudo sobre os conectores adversativos entendemos por diferenças semânticas todas aquelas que dizem respeito ao significado, ao conteúdo, ao valor dos conectores. Esse significado será estabelecido através de traços que determinarão as diferenças e

semelhanças entre os valores dos conectores, orientando o seu uso nos textos produzidos pelos alunos.

A abordagem semântica, nesta pesquisa, teve como suporte os estudos de Varela (2000) e Tomás (2003)¹⁴, pois a partir deles distribuímos as variações de significados dos conectores adversativos em dois grupos, como veremos a seguir¹⁵. Concordamos também com as observações que os autores fazem sobre a impossibilidade de se determinar de forma fechada as diversas manifestações semânticas dos conectores ditos adversativos. Na verdade, a nossa análise poderá ocorrer através de aproximações. Observamos ainda que estamos a levar em consideração todas as ocorrências desses conectores, independentemente de sua localização na frase: início, meio ou fim.

Neste contexto, propomos duas variações básicas de significado para os conectores adversativos, nomeadamente, *negação de expectativa* e *oposição*. Assim, ao definirmos os traços significativos para os conectores *mas*, *porém*, *contudo*, *entretanto*, *todavia*, *no entanto*, como de *negação de expectativa* e de *oposição semântica*¹⁶, esses traços serão vistos dentro de uma teoria de enunciação. Vejamos os exemplos a seguir apresentados:

- **Negação de expectativa** → na construção p *mas/ entretanto/ contudo/ todavia/ no entanto/ porém* q, q nega a expectativa aberta por p. De facto, a negação de expectativa envolve um contraste entre a expectativa aberta pelo primeiro membro e o que se afirma no segundo ($p \rightarrow r$ e q anula r, dado que corresponde a $\sim r$)¹⁷. Veja-se (20):

¹⁴ Estes autores ancoram-se em muitas bibliografias de semântica adversativa, tais como: Lankoff (1971), Ducrot (1980), Rudolph (1996), entre outros.

¹⁵ Privilegiamos nesta dissertação a negação de expectativa e oposição semântica, pelo facto de serem as que encontramos maioritariamente expressas nos textos dos alunos, que serviram de *corpus* para este trabalho. No entanto, é importante salientar que os conectores tradicionalmente chamados adversativos podem assumir outros valores, como por exemplo, rectificação e refutação, numa sequência dialogal. Os conectores adversativos podem ainda dar origem a mudança de tópico discursivo, sem assumir os valores atrás referidos, dando origem a produtos textuais superiores ao período.

¹⁶ Normalmente se aponta o valor de contraste como valor básico marcado pelos conectores em apreço. No caso da oposição semântica, há um contraste antitético entre os conteúdos proposicionais expressos nos 2 membros da construção. Quando se verifica um uso argumentativo desta construção, o contraste também se verifica ao nível das conclusões que cada um dos argumentos suporta.

¹⁷ Uma outra forma de dar conta do nexos semântico em apreço é a seguinte: o falante assere p e q e pressupõe que p implica normalmente não q.

(20) O Pedro preparou-se para o exame (p), *mas/ entretanto/ contudo/ todavia/ no entanto/ porém* não passou de classe. (q)

Em (20), afirma-se que, mesmo tendo-se preparado para o exame, o Pedro não passou de classe. Percebemos que *q* nega a expectativa aberta por *p* na medida em que se declara que a acção (de preparar o exame) não surtiu o efeito esperado (passar de classe). Esta análise converge com a proposta de Ducrot: ao enunciar *p*, o falante expressa um argumento que aponta para uma conclusão *r* (implícita), conclusão essa que *q* vem anular.

- **Oposição semântica** → *p* e *q* descrevem duas situações que contrastam entre si, como em (21):

(21) A Clotilde é muito organizada (p), *mas/ entretanto/ contudo/ todavia/ ...*sua amiga é desorganizada (q).

Em (21) observamos que a oração (q) introduzida pelos conectores adversativos não apresenta nenhuma negação de expectativa aberta pela oração (p), mas simplesmente contrasta antiteticamente duas situações, isto é, a Clotilde é organizada, já a amiga é desorganizada. Percebemos também que no contraste entre os dois enunciados há uma mesma característica ou propriedade (ser organizada) que se presta a uma comparação.

É importante salientar, neste ponto, que o contraste, muitas vezes pode estar ao serviço de uma estratégia argumentativa, numa situação em que uma construção do tipo *p mas q* pressupõe uma certa conclusão *r*, para a qual *p* é o argumento e *q* um contra argumento, como ilustra a situação de diálogo patente no exemplo (22)¹⁸:

(22) **A:** - Temos que contratar uma secretária para fazer parte da nossa equipa de trabalho.

B: - Já temos em vista duas candidatas, a Clotilde e a sua amiga Joana. Na tua opinião, com quem ficaremos?

¹⁸ Para Geraldi (1981: 65), a argumentatividade é um modo corrente de interacção, pois aquele que argumenta pretende interferir sobre as representações ou convicções do outro, com vista a modificá-las (ou aumentar a adesão para tais convicções).

A: - (p) A Clotilde é muito empenhada, *mas* é desorganizada (q).

O conector *mas* no diálogo (22) é um indicador para o alocutário/leitor/ouvinte de que a conclusão que se deduziria normalmente de p não terá lugar, pois q é mais forte. Concretizando: ser muito empenhada é um argumento favorável para a escolha da Clotilde (conclusão r), mas ser desorganizada é um argumento desfavorável para essa escolha (conclusão $\sim r$). O argumento apresentado na segunda oração (q) tem mais peso argumentativo do que o da primeira (p). O sentido da argumentação de toda a frase encontra-se na segunda oração ou no segundo argumento; este é, portanto, o argumento decisivo. O falante “A” não defende a contratação da Clotilde, pelo que se infere que defende a contratação da Joana.

Assim, quando se verifica um uso argumentativo desta construção, o contraste também se verifica ao nível das conclusões que cada um dos argumentos suporta.

Nesta dissertação, as análises das ocorrências dos conectores adversativos nos textos em estudo serão feitas a partir dessas variações de significado: *negação de expectativa* e *oposição semântica*, pelo facto de serem as que encontramos maioritariamente expressas nos textos dos alunos, o que prova que o texto dissertativo propicia o uso de adversativas com esses valores específicos, já que, segundo Travaglia (1991), o texto dissertativo busca o reflectir, o explicar, associando-se à análise, à crítica e, portanto, à argumentação. Faremos ainda referência aos casos em que os conectores ditos adversativos dão origem a produtos textuais superiores ao período, ou seja, assinalam a mudança de tópico discursivo, pois é possível constatar caso do género nos mesmos textos.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

3.1. Técnicas de Recolha dos Dados

3.1.1. *Composição livre*

A nossa tese incidiu particularmente sobre a articulação funcional dos conectores adversativos, mostrando o modo como estes são usados nos textos escritos pelos alunos da 11^a classe.

Assim, para a recolha dos dados seleccionámos como técnica a composição livre, isto é, propusemos aos alunos que escrevessem um texto dissertativo relacionado com o problema de transporte em Moçambique (vulgo chapa cem¹⁹) e todos produzidos em sala de aula como exercício redacional.

Como referimos no ponto **2.8**, para a escolha do texto dissertativo baseamo-nos no facto de este propiciar o uso de adversativas com valores semânticos específicos, já que, segundo Travaglia (1991), este tipo de texto busca o reflectir, o explicar, associando-se à análise, à crítica e portanto, à argumentação.

Neste contexto, o *corpus* deste trabalho é constituído por 30 textos. A selecção deste conjunto reduzido de textos baseou-se no facto de os considerarmos uma amostra significativa do fenómeno linguístico que desejamos explorar.

3.2. Local da Recolha de Dados

O *corpus* para esta pesquisa foi recolhido na Escola Secundária da Polana, localizada na Avenida Kwame Nkrumah nº 280, no bairro da Sommerchield na cidade de Maputo.

A escolha desta escola para a recolha de dados, deveu-se em primeiro lugar ao facto da facilidade que tínhamos de aí recolher os dados, visto que foi nela onde realizámos o estágio, no fim do curso de Licenciatura em Ensino de Português.

¹⁹ Esta terminologia será usada em alguns excertos dos textos dos alunos, pelo facto de em Moçambique ser o sinónimo de transporte semi-colectivo de passageiros.

Em segundo lugar, optámos por esta escola pelo facto de ela oferecer variedade de alunos em termos de sexo, idade, língua materna, até mesmo local de residência (zonas urbanas e suburbanas), o que de certo modo condiciona o uso da língua, visto que, em Maputo, nos bairros suburbanos a língua bantu é a mais falada, o que condiciona o uso do português.

3.3. Perfil Sociolinguístico dos Alunos

Esta pesquisa tomou como base empírica dados escritos produzidos por alunos da 11^a classe, na escola Secundária da Polana. Os dados foram recolhidos em 2010 e 2011, através de composição livre, como foi referido no ponto 3.1.1. Os dados foram produzidos por 60 alunos, mas destes seleccionamos apenas 30, pelos motivos referidos no ponto 3.1.1.

Do ponto de vista sociolinguístico, pode-se dizer que mais da metade dos alunos que produziram o *corpus* estão na faixa etária do 16 – 18 anos, e cerca de 76,7% tem uma língua bantu como língua materna. O quadro 1 fornece informações mais detalhadas sobre o perfil sociolinguístico dos alunos que produziram este *corpus*.

VARIÁVEL		TOTAL	
Sexo	<i>Masculino</i>	17	56,7%
	<i>Feminino</i>	13	43,3%
Idade	<i>16 - 18</i>	21	70%
	<i>19- 20</i>	9	30%
L1	<i>L.B</i>	23	76,7%
	<i>Port</i>	7	23,3%

Quadro 1 – *Dados sociolinguísticos dos alunos da 11^a classe que produziram o corpus. (L.B. – língua bantu)*

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4.1. Apresentação de Dados

Os dados recolhidos para a presente pesquisa revelam-nos a preferência pelo emprego do *mas* na negação de expectativa e oposição semântica. Observa-se ainda que, o valor semântico mais empregue entre os dois tipos foi o da negação de expectativa (33,3%). Constata-se também que o conector *mas* foi o mais usado e, em grande proporção, de maneira adequada. Já os outros conectores foram empregues em pequenas proporções. Mesmo considerados em conjunto, não superam de forma significativa o uso de *mas*, como ilustra o quadro abaixo apresentado.

Conector	N/E	O/S	M/T	Uso inadequado		Total
				CNA	CIN	
Mas	8	5	1	2	—	16
Porém	—	1	2	3	1	7
Contudo	2	—	—	1	—	3
Todavia	—	—	1	—	—	1
No entanto	—	—	—	1	2	3
Entretanto	—	—	—	—	—	0
Total	10/30	6/30	4/30	7/30	3/30	30
%	33,3%	20%	13,4%	23,3%	10%	100%

Quadro 2 – Distribuição das ocorrências dos conectores adversativos, nos textos escritos pelos alunos da 11^a classe.

N/E – negação de expectativa – **O/S** – oposição semântica – **M/T** – mudança de tópico – **CNA** – em contexto que não autoriza – **CIN** – conector indevido.

4.2. Análise de Dados

Para a análise de dados destacamos fragmentos dos textos dos alunos que contêm os conectores adversativos, sob a perspectiva dos pressupostos da L T e comentamos a funcionalidade desses conectores dentro de cada período, em relação ao texto como um todo significativo.

Os textos dos alunos da 11^a classe, que serviram de *corpus* para esta pesquisa, apresentam quantidade variável de questões passíveis de serem analisadas, mas como a nossa dissertação incide sobre a coesão textual, particularmente o uso de conexões adversativas, tomou-se em consideração apenas os aspectos que tratam desse assunto. Assim, como já havíamos referido no ponto **2.8** deste trabalho, as análises das ocorrências dos conectores adversativos nos textos em estudo serão feitas a partir das seguintes variações de significado: *negação de expectativa* e *oposição semântica*, pelo facto de serem as que encontramos maioritariamente expressas nos textos dos alunos. Todavia, faremos ainda referência aos casos em que os conectores adversativos dão origem a produtos textuais superiores ao período, ou seja, assinalam a mudança de tópico discursivo, pois é possível constatar casos do género nos mesmos textos.

4.2.1. Uso Adequado dos Conectores Adversativos

Neste ponto apresentaremos uma visão geral do uso adequado das conexões adversativas, nos textos dos alunos, tanto para a *negação de expectativa*, assim como para a *oposição semântica*, com vista a mostrar os diferentes efeitos de sentidos que os mesmos pretendiam provocar no leitor. Além destes dois valores, apresentaremos ainda nesta parte do trabalho, casos em que os conectores adversativos dão origem a produtos textuais superiores ao período, ou seja, assinalam a mudança de tópico discursivo.

4.2.1.1. *Negação de expectativa*

Nos fragmentos dos textos dos alunos que a seguir se apresentam constatamos que, graças ao valor contrastivo dos conectores adversativos, a informação veiculada pelas frases que introduzem é de certo modo inesperada, quebra uma expectativa. Esta negação de expectativa é marcada maioritariamente pelo conector *mas*, o que comprova o

predomínio deste, por oposição aos outros conectores, constatação que vai ao encontro de várias conclusões obtidas por vários autores, tais como Ducrot (1980), Varela (2000), Tomas (2003), entre outros, no que respeita ao elevado recurso a estruturas com este conector por parte dos falantes. Vejamos:

(1) (p) “O nosso país ao nível da SADC cuida da parte dos transportes. **Mas** no próprio país há carência dos transportes”.

(q) (AL 22)²⁰

(2) (p) “... já se vai os trinta e cinco anos da nossa independência **mas** ainda sentimos na pele e na vista a falta de transporte nos nossos bairros principalmente de manhã e anoite”. (q) (AL22)

Em (1) a 1ª oração abre a expectativa, ou seja, é um argumento para a conclusão de que o país não tem carência de transportes, expectativa/conclusão essa que é negada pela 2ª oração. Por outras palavras podemos dizer que a pressuposição será: se o país cuida da parte dos transportes ao nível da SADC, então esperar-se-ia que não tivesse a carência deste. Assim, percebe-se neste caso, que o aluno mostra que (q) nega a expectativa aberta por (p) na medida em que declara que a acção (de cuidar da parte dos transportes ao nível da SADC) não trouxe o efeito esperado (diminuir a carência dos transportes).

Em (2) a 1ª oração também abre uma expectativa, ou seja, também é um argumento para a conclusão de que o país não tem falta de transportes. Assim, a pressuposição será: se já se passaram os trinta e cinco anos da nossa independência, então esperar-se-ia que se visse o problema de transporte resolvido. Neste exemplo, também se percebe que a expectativa aberta por (p) (o facto de já ter passado muito tempo após a independência) é negada pela situação descrita em (q) (ainda se sentir na pele a falta de transporte). Observe agora (3):

(3) (p) “...esses transportes na verdade foram feitos mais pensando nos idosos, deficientes e mulheres grávidas **mas** é difícil encontrar um idoso no transporte ainda mais sentado porque ninguém dá espaço a eles...”. (q) (AL 21)

²⁰ Na escrita os alunos nem sempre revelam consciência de que o conector *mas* dá origem a uma frase complexa, como se atesta pela pontuação.

Em (3), é notória a ocorrência do conector *mas* enquanto introdutor da negação de expectativa. Como se pode verificar, a expectativa aberta pelo primeiro membro da construção (os idosos, deficientes e mulheres grávidas terão o problema resolvido) é (parcialmente) contrariada pelo segundo membro (é difícil encontrar idosos sentados nos transportes).

É oportuno lembrarmos que existe uma distinção entre o chamado *mas* de oposição semântica e de negação expectativa. O *mas* de oposição semântica conecta duas proposições que são constituídas por unidades que estabelecem entre si uma relação de contraste que deriva do seu próprio significado linguístico, podendo uma delas avaliada de forma favorável e outra de forma desfavorável, como veremos no ponto 4.2.1.2 desta dissertação. Por seu turno, o *mas* de negação de expectativa conecta duas proposições, sendo que a segunda nega a expectativa aberta por *p* (primeira oração), configurando o valor semântico prototipicamente atribuído às tradicionais construções adversativas. Sublinhe-se que o contraste, neste caso, se verifica entre um conteúdo expresso e um conteúdo explícito. Observem-se os exemplos seguintes:

- (4) (p) “Já discutiu-se muito por falta de transporte em Moçambique existem algumas soluções para reduzir a falta de transporte importa-se autocarros **mas** a falta de transporte continua...” (q) (AL 02)
- (5) (p) “...os transportes públicos de Maputo (TPM), vieram na passada segunda ferira dizer que estão a tentar minimizar a falta de transporte, **mas** devido a difícil acesso das estradas os auto-carros chegam tarde nos pontos”. (q) (AL 03)
- (6) (p) “Muitos privados na tentativa de ajudar o governo a solucionar este problema tem posto em circulação suas viaturas, **mas** porque muitos deles não têm licença para tal, o sector de fiscalização de transportes tem lhe feito *vida negra*. Como consequência tiram suas viaturas de circulação”. (q) (AL 04)

Nos exemplos (4), (5) e (6), o conector *mas* de negação de expectativa apresenta uma forte marca de indicação contrastiva, configurando, como havíamos acima referido, o valor semântico atribuído às tradicionais construções adversativas. Observa-se em (4) que nega-se uma expectativa criada pelo primeiro membro da construção, ou seja, o facto de já se ter discutido o problema e de se terem encontrado algumas soluções para a falta de transporte (p) deveria implicar o solucionamento deste problema, expectativa negada pela segunda proposição: a continuação da falta de transportes (q).

Em (5), com o uso do conector *mas* o aluno pretendia mostrar que, com a declaração pública dos TPM, esperava-se a minimização da falta de transportes. Todavia esta expectativa é negada, na medida em que se refere que “devido a difícil acesso das estradas os auto-carros chegam tarde nos pontos”. O mesmo acontece com o exemplo (6), em que teríamos como pressuposição o seguinte: se os privados tentam ajudar o governo a solucionar este problema, pondo em circulação as suas viaturas, esperar-se-ia que o governo os facilitasse e não lhes fizesse *vida negra*, como refere o aluno. Assim, nota-se em (6) que a expectativa aberta em (p) (tentativa de ajudar o governo a solucionar o problema de transporte) é negada em (q) (a não facilitação do sector de fiscalização).

Além do que foi acima apresentado, nos textos dos alunos constatamos outros casos enquadráveis no tipo de ocorrência “ (p) *mas/ entretanto/ contudo/ todavia/ no entanto/ porém* (q), em que q nega a expectativa aberta por p”. Observem-se os exemplos seguintes:

- (7) (p) “Hoje em dia melhoramos muito o nível de transportes, **mas** ainda a muita escacez de chapas...” (q) (AL 05)
- (8) (p) “Há falta de chapa também porque estão a tirar os semi-colectivos para meter os de 30 lugares **mas** mesmo assim não está a ajudar a nossa população”. (q) (AL 06)
- (9) (p) “O governo não tem medido esforços para minimizar o problema, **contudo**, este tem-se revelado um osso duro de roer”. (q) (AL 12)

- (10) (p) “O governo tem feito esforço no sentido de ultrapassar este impasse **contudo** não consegue devido a esiguidade dos meios...” (q) (AL 51)

Com se pode constatar nos exemplos apresentados neste ponto (exemplos 1 a 10), existe o mesmo padrão interpretativo: (q) geralmente nega a expectativa aberta por (p), o que faz com que a segunda proposição contenha a informação mais importante, que se sobrepõe à primeira, eliminando qualquer suposição que esta possa induzir.

4.2.1.2. *Oposição semântica*

Nesta dissertação, definiremos, genericamente, *oposição semântica* como a relação em que p e q descrevem duas situações denotadas por duas proposições linguisticamente articuladas que contrastam entre si. Vejamos:

- (11) (p) “... hoje em dia abordamos vários problemas de transporte tanto na províncias como nos distritos. **Mas** o governo diz que disponibiliza autocarros e chapas para esses sitios carrenceados”. (q) (AL 13)

Em (11) regista-se o estabelecimento de oposição entre duas unidades conectadas, apesar de a ordem das proposições estar invertida. O ideal seria a seguinte ordem: (p) “o governo diz que disponibiliza autocarros e chapas para esses sítios carenciados, **mas** hoje em dia abordamos vários problemas de transporte tanto nas províncias como nos distritos”(q). Assim, a oposição seria estabelecida entre o que o governo diz, proposição (p) e o que está a acontecer na realidade, proposição (q). Atente-se agora em (12):

- (12) (p) “Antigamente também problemas haviam mas era por falta de carros **mas** actualmente, o mesmo problema agravou-se, mas com transporte em excesso”. (q) (AL 07)

No exemplo (12) o aluno quis marcar uma oposição entre o que se passava antigamente e o que ocorre actualmente. No entanto, a formulação alternativa, mais clara em termos da oposição que o aluno quis marcar seria: Antigamente havia problemas por falta de carros, mas actualmente o problema agravou-se por excesso de transportes.

É importante salientar, neste exemplo, que os outros usos do *mas* (não destacados) são problemáticos, o que faz com que o texto não seja totalmente coerente. Assim, para a consistência do mesmo é necessário suprimir estes conectores, com vista a instituir a relação de oposição acima referida.

Nos textos dos alunos constatamos também o uso da oposição ao serviço de uma estratégia argumentativa. Esta estratégia é desencadeada através do conector *mas*, que não estabelece apenas o valor de contraste como assevera grande parte das gramáticas tradicionais. Há, na realidade, um jogo de efeito de sentidos na estrutura proposta pelo locutor quando ele opta por esse conector e não por outro. É nesse sentido que Koch (1992) diz que os conectores não podem ser considerados como meros elementos relacionais, responsáveis pela articulação entre segmentos. Os adversativos, seguindo esse preceito, são responsáveis pelos efeitos de sentido que o autor do texto propõe estabelecer junto do seu interlocutor. Dessa forma, esses elementos são considerados pela autora como operadores argumentativos, como ilustra o exemplo seguinte:

(13) “Será que o transporte em Moçambique não existe por conta da pobreza do país? Ou do encurtamento de rota? (p) A pobreza pode ser um factor **mas** o encurtamento é outro muito mais crítico [...]”. (q) (AL 16)

Como se pode observar neste exemplo, o conector *mas* carrega um alto valor argumentativo. Neste caso, a argumentatividade está relacionada com o recurso linguístico usado, com a intenção comunicativa, ou seja, o aluno pressupôs várias causas para o problema de transporte através de perguntas, tendo posteriormente usado o conector *mas* para introduzir a informação mais relevante, com maior peso argumentativo, mostrando que o reconhecimento da pertinência de (p) é apenas temporário. Este facto pode ainda ser constatado em (14):

(14) (p) “ O governo promete milhares de transportes **mas** no fim né um mini-bus vimos...” (q) (AL 09)

Na sequência (14), também estruturada como (p) **mas** (q), verifica-se a expressão de um contraste entre promessa e realidade. Este contraste parece estar a ser explorado argumentativamente: o governo promete milhares de transportes, com vista a solucionar a crise deste. Entretanto, não é isto que ocorre, porque a partir do *mas*, introduzindo a sequência (q), chega-se a uma outra conclusão: a carência dos transportes prevalece.

(15) (p) “Nosso país ainda está em via de desenvolvimento **mas** nós estamos fazendo dele parece é o país mais avançado do mundo enquanto não”. (q) (AL 010)

O exemplo (15) está mal construído. Julgamos que o aluno quis marcar a seguinte oposição: (p) O nosso país ainda está em via de desenvolvimento, **mas** comportamo-nos como se fôssemos o país mais avançado do mundo (q). Partindo-se deste pressuposto, pode-se verificar a existência de um contraste entre as conclusões inferidas nas proposições p e q (a nível dos conteúdos implícitos e não dos conteúdos expressos). Ou seja, o contraste situa-se entre o estágio de desenvolvimento do nosso país e modo de comportamento dos cidadãos face ao estágio de desenvolvimento em que o país se encontra. Atente-se agora em (16):

(16) (p) “Pode-se dizer que os transportes constituem um bem as famílias moçambicanas, **porém** designa-se também um problema pelos acidentes de viação que se tem verificado nas estradas”. (q) (AL 1)

Em (16), o aluno quis marcar uma oposição semântica entre os aspectos positivos e negativos dos transportes. A oposição/contraste situa-se, pois, entre a valoração positiva dos transportes: (p) “[...] os transportes constituem um bem as famílias moçambicanas” e a sua valoração negativa: (q) “designa-se também um problema pelos acidentes de viação que se tem verificado nas estradas”.

Como se pode observar nos exemplos apresentados neste ponto, não existe aqui nenhuma negação de expectativa, nem mudança de tópico discursivo (como veremos a seguir).

Verifica-se simplesmente um contraste antitético entre os conteúdos proposicionais de (p) e (q), apesar de o tal contraste se verificar também nas conclusões inferidas em (p) e (q), a nível dos conteúdos implícitos e não expressos.

4.2.1.3. Casos em que os conectores adversativos assinalam a mudança de tópico discursivo

Ao longo do trabalho fizemos referência à *negação de expectativa* e à *oposição semântica*, pelo facto de serem as variações semânticas que encontramos maioritariamente expressas nos textos dos alunos. No entanto, nos mesmos textos constatamos que os conectores adversativos, além de darem origem as frases complexas por coordenação, também iniciam um novo período, marcando a mudança de tópico discursivo, dando origem a produtos textuais coesos e coerentes. Observem-se os seguintes exemplos:

(17) (p) “...neste momento há um grande défice de transporte semi-colectivos vulgo chapas, devido a apreensão que a polícia tem feito para com os chapas ilegais, **mas** são esses mesmos chapas ilegais que nos livram dos apertos do dia-a-dia”. (q) (AL 36)

Em (17) o *mas* deveria dar início a um novo período, através de uso de um ponto final, pois não introduz uma oração adversativa. Julgamos que este conector introduz uma nova etapa da argumentação do aluno, um novo tópico discursivo, não contrastando situações, nem negando uma expectativa. Ao sublinhar que “são esses mesmos chapas ilegais que nos livram dos apertos do dia-a-dia”, o aluno pretende levar o leitor a concluir que “a polícia não deveria apreender os chapas ilegais”.

Esta mudança de tópico discursivo também pode ser constatada no exemplo (18), como se pode verificar a seguir:

(18) (p) “ Acusa-se a crise internacional de ser o maior influente na problemática dos preços, **porém** nos países vizinhos os preços estão em equilíbrio”. (q) (AL 18)

Neste exemplo, à semelhança do que se verificou em (18), antes do *porém* deveria haver um ponto final. Julgamos que aqui também não existe nenhum contraste, nem negação de expectativa.

Parece-nos haver uma argumentação defectiva, lacunar: “Acusa-se a crise internacional de ser o maior influente na problemática dos preços. Se isto fosse verdade, os preços nos países vizinhos estariam tão altos como em Moçambique. Porém, nesses países os preços estão em equilíbrio. Logo, a crise internacional não é o factor determinante”.

Além dos exemplos acima indicados, apresentamos a seguir outros casos em que os conectores adversativos parecem igualmente interligar segmentos textuais superiores ao período, marcando mudança de tópico discursivo:

(19) (p) “ Havendo problemas de transporte em Moçambique, os cidadãos são obrigados a levantarem-se muito cedo para as paragens e terminais de transporte, **porém** os transportadores são poucos para o número de pessoas utentes do tal”. (q) (AL 2)

(20) (p) “... os chapeiros fazem encurtamento de rotas, tratam mal os passageiros, geralmente apresentam-se em péssimas condições físicas e psicológicas, **todavia** se um cidadão não apanhar estes chapas não poderá delocar-se ao ponto de preferência”. (q) (AL 27)

Como se pode depreender dos exemplos acima apresentados, os conectores adversativos não só dão origem a frases complexas por coordenação, ou seja, nem sempre articulam orações adversativas, mas também marcam a mudança de tópico discursivo, sendo que o novo tópico inicia um rumo argumentativo que de alguma forma contrasta com a orientação argumentativa do enunciado precedente.

4.2.2. Uso Inadequado dos Conectores Adversativos

Foi referido em 4.2.1.2, que uma das características dos conectores adversativos é o facto de estes possuírem um significado de processamento que consiste, basicamente, na possibilidade que têm de dar instruções sobre a forma como deve ser processada a informação conceptual presente em cada uma das unidades conectadas. A partir dessa

visão, é possível perceber que os conectores, de um modo geral, não são simplesmente elementos que servem para unir as partes (sintagmas, orações, enunciados) de um texto. Na verdade, eles são itens linguísticos tão importantes num texto, sendo que o emprego inadequado de um ou de outro pode acarretar problemas comunicativos.

Nos textos escritos pelos alunos constatamos a existência de dois casos de uso inadequado de conectores adversativos, nomeadamente: *usos de conectores em contextos que não os autoriza ou legitima o uso desse conector* (o conector está a mais) e *uso de conectores em contextos em que um outro deveria ser seleccionado*, como veremos a seguir.

4.2.2.1. Usos de conectores adversativos em contextos que não os autoriza

Na nossa dissertação constatamos situações de incoerência textual, ou seja, situações em que os conectores expressam um nexo contrastivo num contexto que não o autoriza: os conteúdos proposicionais de p e q não mantêm entre si nenhuma oposição antitética. Por outro lado, p não activa uma inferência anulada por q . Observe-se o exemplo seguinte:

(21) (p) “A tempos era um problema grave, **mas** nos dias de hoje as estradas moçambicanas parecem pequenas. Mesmo com o aumento dos transportes ainda não se pode chegar a certas localidades ou distritos [...]”. (q) (AL 1)

Em (21), o conector *mas* expressa um nexo contrastivo num contexto que não o autoriza, pois entre as proposições (p) e (q) não existe nenhuma relação de carácter opositivo. Em condições normais, neste exemplo, o conector *mas* deveria assinalar uma inversão da orientação argumentativa, introduzindo então o argumento mais forte que orientasse o discurso para a conclusão desejada, o que não acontece. A mesma situação pode ser verificada no exemplo seguinte:

(22) (p) “O nosso país os problemas de transporte são vastos e causam-nos vários transtornos nas nossas rotinas do cotidiano. **Mas** embora existam os transportes muita das vezes fazem-nos falta

devido a mudança ilegal das rotas desviadas pelos próprios motoristas”. (q) (AL15)

No exemplo (22), o conector *mas* poderia ser suprimido sem provocar alterações de sentido. Ou seja, o conector parece estar a mais, foi adicionado indevidamente. A sequencialização semântica do texto é garantida pela concessiva introduzida por *embora*. Vejam-se agora os exemplos (23), (24) e (25):

(23) (p) “No âmbito do desenvolvimento do nosso país o problema de transportes tem sido um caso muito polémico nos últimos tempos, **contudo**, devido a exportação de viaturas de Japão e outros país, **porém** nos últimos tempos tem se constatado maior número de veículos no país, devido a esse maior número de veículos tem se constatado o congestionamento de carros nas estradas. (q) (AL 5)

(24) (p) “O governo não faz nada para minimizar este problema **porém** existem alguns chapas que chegam ao seu destino e são poucos”. (q) (AL 13)

(25) (p) “Hoje tornou-se muito difícil encontrar um chapa leal a sua rocta **porém** existem alguns que sejam leais na sociedade em que vivemos onde a maioria dos transportadores são contra a lei **no entanto** todos passam a ser farinha do mesmo saco”. (q) (AL 10)

Em (23), o uso de *contudo* e *porém* também é inadequado. Estes conectores estão a mais, ou seja, marcam um contraste que o contexto não legitima. Na relação estabelecida entre as proposições (p) e (q) não existe nenhum jogo de efeito de sentido que estabeleça o valor de oposição, de negação de expectativa ou de contraste. Veja-se que, se retirarmos os referidos conectores, o enunciado continuará com mesmo sentido.

No exemplo (24), a má construção do texto envolve o mau uso do *porém*. Na nossa opinião, a alternativa correcta seria: O governo não faz nada para minimizar este problema. Existem alguns chapas que chegam ao seu destino, **porém** são poucos. Como

se pode verificar, esta nova alternativa/ formulação evidenciaria a relação de contraste pretendida pelo locutor.

Em (25), ocorrem dois casos, um dos quais enquadrável no ponto **4.2.2.2** que a seguir se apresenta. Na nossa opinião, no primeiro *porém* deveria ser suprimido e, na posição onde este ocorre, deveria ser colocado um ponto final, dando origem a um novo período. No segundo, *no entanto* deveria ser substituído por um outro conector, como por exemplo, “assim”. Deste modo teríamos: “Hoje tornou-se muito difícil encontrar um chapa leal a sua rota. Existem alguns leais na sociedade em que vivemos, *mas* a maioria dos transportadores são contra lei. Assim, todos passam a ser farinha do mesmo saco.

A partir dos exemplos acima apresentados pode-se atestar que, nos casos em que os conectores adversativos expressam um nexos contrastivo num contexto que não o autoriza, o texto torna-se incoerente.

4.2.2.2. Usos de conectores adversativos em contextos em que um outro deveria ser seleccionado

Como já havíamos anteriormente referido, na nossa dissertação também constatamos situações de incoerência textual, ou seja, casos em que os conectores adversativos são usados em contextos em que um outro deveria ser seleccionado. Observem-se os exemplos seguintes:

(26) (p) “Há problema de transporte em Moçambique, **porém**, se formos a verificar, nas paragens, principalmente naquelas horas denominadas horas de ponta, podemos ver que tem havido muitas enchentes”. (q) (AL 7)

(27) (p) “No nosso país é muito difícil encontrar o transporte nas devidas condições para chegar a tempo ao local de trabalho **no entanto** muitos trabalhadores bem como estudantes chegam tarde ao seu sector por conta do transporte”. (q) (AL 16)

Nos exemplos (26) e (27), o uso do *porém* e *no entanto* é completamente inadequado. A nosso ver, nestes exemplos, o conector adequado parece-nos ser um reforçativo, por exemplo “de facto” ou “com efeito” (marcadores de um reforço do que foi dito anteriormente). Esta situação também pode ser verificada em (28):

(28) (p) “É de se acreditar que vivemos num país subdesenvolvido, **no entanto** demonstramos a falta de organização para tentar minimizar o problema”. (q) (AL 33)

Em (28), o uso do *no entanto* é completamente inadequado. O nexos que ligaria de forma congruente os dois enunciados seria um nexos consequencial ou conclusivo, que o conector ‘por isso’ sinalizaria de forma adequada.

Como se pode observar neste ponto, à semelhança do que aconteceu no ponto anterior, nos casos em que os conectores adversativos são usados em contextos em que um outro deveria ser seleccionado, o texto também se torna incoerente.

CAPÍTULO V – ESTRATÉGIAS DE ENSINO - APRENDIZAGEM DO USO DOS CONECTORES ADVERSATIVOS

Segundo Gonçalves e Uamusse (2004: 41), “o ensino da gramática da língua portuguesa no nível básico é, sem dúvidas, uma questão complexa. Até ao momento, não foi encontrada uma solução para o ensino da gramática que possa ser aplicada a todos os alunos ou que possa ajudá-los a dominar todas as regras gramaticais”. Esta complexidade também se faz sentir no nível médio, visto que, tal como no nível básico, neste nível também ainda não foi encontrada uma solução para o ensino da gramática.

Este facto pode ser constatado, por exemplo, quando se ensina as regras de uso dos conectores adversativos. Quando se ensina estas regras, os conectores são apresentados aos alunos apenas ao nível da conexão de orações, no âmbito da frase complexa por coordenação, não sendo perspectivada a sua função textual/argumentativa.

Para esta questão existe um vasto conjunto de opções metodológicas, por exemplo, os chamados ensino *explícito* e *implícito*. Estas opções podem ser tomadas em consideração no ensino-aprendizagem do uso dos conectores adversativos, como veremos a seguir.

5.1. Ensino explícito e implícito das regras de uso de conexões adversativas

Gonçalves e Uamusse (2004: 43 – 44) consideram que a gramática está a ser ensinada de forma *explícita* quando se fornecem aos alunos regras ou parte de regras gramaticais, ou quando se pede aos alunos para formularem eles mesmos uma regra gramatical. Esta abordagem é também conhecida como foco na forma (*focus on form*).

Assim, tomando em consideração esta abordagem, relativamente ao uso dos conectores adversativos, primeiro pode-se explicar aos alunos qual é o valor semântico destes conectores, e que além de *mas*, os gramáticos são praticamente unânimes em apresentar *porém*, *todavia*, *contudo*, *no entanto* e *entretanto* como outros conectores conjuncionais coordenativos adversativos. Segundo, explicar-lhes que, em termos sintáticos, estes conectores não apresentam todos o mesmo comportamento, distinguindo-se claramente *mas* dos restantes, apresentando exemplos como os do ponto 2.7 deste estudo, e submetendo-os, por exemplo, aos exercícios tradicionais de divisão e classificação das

orações, no âmbito da frase complexa por coordenação, clarificando, através de exemplos paradigmáticos, os nexos semânticos expressos.

No ensino explícito, é importante que se trabalhem diversos conectores, nos exercícios, e não apenas o *mas*. A escrita dos alunos seria mais rica se fossem capazes de mobilizar um uso diversificado de conectores. Ou seja, o conhecimento explícito da língua, e no caso vertente dos vários conectores que marcam contraste (em sentido lato), certamente se traduzirá na capacidade de o mobilizar em situações de produção escrita.

O ensino explícito da gramática envolve também aspectos de natureza semântica e não apenas aspectos formais, morfo-sintáticos. Esse ensino pode promover níveis mais elevados de literacia linguística, e consequentemente promover um nível superior de mestria da língua, com repercussões no plano da escrita.

Com este tipo de ensino, o aluno receberá modelos correctos fornecidos pelo professor ou pelos materiais de ensino e praticará sob orientação do professor.

Propomos esta metodologia, porque acreditamos que os alunos que recebem a instrução gramatical podem ultrapassar os que a não recebem, tanto em termos de velocidade de aquisição quanto em termos de nível de competência atingido. No entanto, isso não quer dizer que o aluno precise de decorar regras gramaticais, mas sim focalizar a forma, e analisar explicitamente onexo semântico veiculado pelo conector adversativo.

Sob nosso ponto de vista, não basta focalizarmos apenas o ensino explícito, pois o aluno na tentativa de usar modelos fornecidos pelo professor ou pelos materiais de ensino, pode acabar cometendo erros de sobregeneralização, ou seja, aplicar uma certa regra num contexto inapropriado.

Assim, é necessário que o ensino *explícito* do uso dos conectores adversativos ceda também espaço ao ensino *implícito*, isto é, à criação de oportunidades para o uso “natural” destes conectores, ou seja, o uso mais próximo possível daquele encontrado em situações autênticas. Deste modo, a competência de uso destes conectores será também adquirida como mera consequência da focalização da atenção do aluno no significado, como refere Richter (2000: 37).

Portanto, o papel do professor neste processo também é muito importante, pois este deve empregar técnicas que ajudem o aluno a descobrir as variações básicas de significado dos conectores adversativos, tais como: *negação de expectativa*, *oposição semântica*, entre outras²¹.

Assim, primeiro, o professor pode propor ao aluno que crie determinadas estruturas, ou que escreva um texto para verificar como é que ele usa os conectores adversativos. Segundo, pode procurar fazer o aluno reflectir sobre o que ele já produziu, tomando em consideração as variações básicas de significado atrás referidas. Estes mecanismos vão fornecer um relato sobre o que o aluno está a conseguir aprender e o que ainda não conseguiu. Terceiro, o professor pode escolher um texto que contém os conectores adversativos, recomendar aos alunos que os identifiquem dentro dos períodos e explicar a funcionalidade dos mesmos dentro destes períodos, ou seja, identificar e explicar os valores semânticos estabelecidos por estes conectores, dentro dos períodos onde se encontram.

É importante ainda que os alunos realizem vários trabalhos em grupo, escolhendo-se um tema para discutir, de forma a obrigá-los a criar ideias e a desenvolvê-las. Para além deste exercício, os alunos podem praticar exercícios dentro e fora da sala de aulas, tais como análise e interpretação de textos e testes de compreensão.

²¹ Além das variações básicas de significado dos conectores adversativos apresentados nesta dissertação, o professor pode incidir sobre outras, tais como: *rectificação*, *refutação*, etc., com vista a mostrar ao aluno que *mas* também pode marcar estes nexos (numa sequência dialogal).

CAPÍTULO VI – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

6.1. CONCLUSÕES

A partir da abordagem teórica da LT chegamos a algumas conclusões que acreditamos poderão ter consequências significativas para o aprofundamento dos estudos descritivos a respeito dos conectores adversativos e também para o ensino-aprendizagem desses conectores.

Através do presente estudo esperamos ter conseguido, com base na mesma abordagem, discutir as relações de sentido marcadas pelos conectores adversativos e, conseqüentemente, observar se o emprego desses conectores é adequado ao momento em que estão sendo utilizados na frase, isto é, se correspondem às intenções comunicativas dos alunos.

O problema que levou ao desenvolvimento dessa dissertação prendia-se com a necessidade de saber se os alunos da 11^a classe se socorrem de mecanismos disponíveis na língua portuguesa para construir textura específica, e se essa textura respeitava as relações lógico – semânticas e semântico – pragmáticas que permitem conceber o texto como uma unidade de sentido, e que funções semânticas desempenham os conectores adversativos nos textos escritos pelos mesmos. Assim sendo, estabelecemos a hipótese da investigação segundo a qual os alunos da 11^a classe socorrem-se de mecanismos disponíveis na língua portuguesa para construir textura específica, mas essa textura, em muitos casos, não respeita as relações lógico – semânticas e semântico – pragmáticas que permitem conceber o texto como uma unidade de sentido.

Esta pesquisa levou-nos à conclusão de que os conectores adversativos apresentam posições sintáticas diferenciadas. Observamos que o *mas* não possui a mesma mobilidade dos outros conectores, isto é, o *mas* é empregue apenas no início da oração adversativa, enquanto que o *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto* posicionam-se tanto no início da adversativa, quanto após o sujeito ou, após o predicado.

Essas posições evidenciam que a colocação das palavras na frase projecta um efeito de sentido, enfatizando significativamente aquele elemento colocado antes do conector e,

além disso, provocando uma demora no estabelecimento do contraste. Usando esses mecanismos o autor pretende determinar o percurso da leitura do leitor e os seus possíveis efeitos de sentido.

Concluimos ainda que os conectores adversativos funcionam como operadores que contribuem para a progressão do texto, apontando para uma determinada direcção argumentativa. Eles não podem ser considerados como meros elementos relacionais marcadores de oposição entre segmentos. Esses conectores são responsáveis pelos efeitos de sentidos que o autor se propõe a estabelecer junto do seu interlocutor.

Além disso, constatámos que todos os conectores adversativos trazem uma nova e diferente informação relativamente à proposição anterior. O dito é re-significado em uma outra direcção, permitindo sempre o avanço e a progressão do texto.

A análise de dados deixou ainda evidente que os conectores adversativos têm valores semânticos diferentes e em nosso *corpus* eles foram estabelecidos como negação de expectativa e oposição semântica. Esses valores foram usados maioritariamente, pelo facto de o tipo de texto escolhido para a recolha de dados propiciar o uso de construções com estes valores semânticos. Acreditamos que esses resultados têm relação com a forma de interacção que o texto dissertativo pretende estabelecer.

Além desses dois valores, observámos ainda que os conectores adversativos usados pelos alunos não dão sempre origem a frases complexas por coordenação, ou seja, nem sempre articulam orações adversativas, mas também sinalizam a mudança de tópico discursivo, podendo originar produtos textuais superiores ao período.

Esta pesquisa mostrou-nos que os conectores em estudo, mesmo com valores diferentes, estabelecem tipicamente um contraste, quer entre conteúdos expressos e conteúdos implícitos. Do ponto de vista argumentativo, estes conectores sinalizam que a proposição que prefaciam ou que os hospeda tem uma maior força argumentativa. Ao usá-lo, o locutor inscreve no seu discurso um determinado rumo argumentativo.

O estudo mostrou-nos também que, se esses conectores expressarem umnexo contrastivo em contextos que não o autorizam, ou se forem usados em contextos em que um outro deveria ser seleccionado, o texto torna-se incoerente.

A outra conclusão a que chegámos a partir da análise dos dados aponta para o largo uso do conector adversativo *mas*. Este foi o mais empregue e, maioritariamente de forma adequada, com uma diferença significativa. Nas 30 ocorrências o *mas* ocorreu 16 vezes (33,3%). Verificou-se que os conectores adversativos foram usados 20 vezes de forma adequada (66,7%) e 10 vezes de forma inadequada (33,3%), e o maior problema de inadequação prende-se com uso dos outros conectores diferentes de *mas*.

As constatações apresentadas no último parágrafo permitem-nos concluir que a nossa hipótese de investigação é parcialmente válida. A validação parcial da hipótese, em primeiro lugar, prende-se com o facto de termos verificado que os alunos socorrem-se de mecanismos disponíveis na língua portuguesa para construir textura específica, como previmos. Em segundo lugar, o facto de essa textura, em muitos casos, respeitar as relações lógico – semânticas e semântico – pragmáticas que permitem construir o texto como uma unidade de sentido, como se atesta no parágrafo anterior e no quadro 2 desta dissertação, o que contraria parcialmente o nosso posicionamento inicial, pois a expectativa de um número mais elevado de usos inadequados não se verificou.

6.2. RECOMENDAÇÕES

Em função da experiência que obtivemos no decurso do nosso estudo, sentimos que este campo de pesquisa ainda não está esgotado. Sendo assim, julgamos que é de encorajar a prossecução de mais estudos do género. Um dos caminhos que se pode seguir é, por exemplo, trabalhar os princípios de coesão e coerência, com vista a evidenciar os mecanismos de estruturação e compreensão de textos, assumindo a concepção interaccional de linguagem como campo de observação, orientando a pesquisa para uma abordagem enunciativo-discursiva, apoiando-se em conceitos interaccionais dialógicos.

Além deste caminho, pode-se ainda trabalhar os operadores argumentativos *mas* e *embora*, em textos escritos por alunos, com vista a descrever como esses operadores argumentativos se articulam nesses textos, visto que esses morfemas são conectores sintácticos determinantes na orientação argumentativa textual.

Recomendamos esta linha de pesquisa porque ao longo da nossa dissertação percebemos que estes operadores podem marcar um nexos semântico idêntico e desempenhar uma função similar na organização da argumentatividade do discurso.

Esperamos, com esse estudo, ter contribuído para o desenvolvimento do estudo linguístico textual dos conectores adversativos, apontando para a ligação que há entre o seu emprego e a relação discursiva que se pretende estabelecer.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ANSCOMBRE, J. C. e DUCROT, O. (1977). *Deux mais en français*. In: *Lingua*, 43: 23-40.
- BEAUGRANDE, R. de (1997). *New foundation for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society*. Norwood-New Jersey: Ablex Publishing Corporation.
- _____ (1980). *Text, Discourse, and Process*. London: Longman.
- BEAUGRANDE, R. de e DRESSLER, W. (1981). *Introduction to Texte Linguistics*. London: Longman (Trad. Espanhola: *Introducción a la linguística del texto*, (1997). Barcelona: Ariel.
- BECHARA, E. (1999). *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BERNÁRDEZ, E. (1982). *Introducción a la linguística del texto*. Madrid: Espasa – Calpe. S.A.
- BLAKEMORE, D. L. (1989). *Denial and Contrast: A Relevance Theoretic Analysis of but*. In: *Linguistic and Philosophy*, 12: 15-37.
- BRITO, A. M. et *alli* (org.), (1997), *Sentido que a vida faz. Estudo para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- BRONCKART, J. P. (1999). *Actividades de linguagem, texto e discurso: Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDU.
- COSERIU, E. (1956). *Determinación y entorno*. In: COSERIU, E. (1967). *Teoría del lenguaje y linguística generale*. Madrid: Gredos.
- _____ (1967). *Teoria del lenguaje y linguística general*. Madrid: Gredos.
- _____ (1968). *Linguística textual. Semântica histórica*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- COSTA, J. (2008). *Advérbios em português europeu*. Lisboa: Calibri.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. (1984). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: João Sá da Costa.
- _____ (1999). *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Lisboa: João Sá da Costa.
- _____ (2004). *Nova gramática do português contemporâneo*. 6ª ed. Lisboa: João Sá da Costa.
- DJIK, T. A. V. (1972a). *Some aspect of text grammars*. Paris: Mouton.

- DUARTE, I. (2003). *Aspectos linguísticos da organização textual*. In: MATEUS, M. H. M. et alli (2003). Gramática da língua portuguesa. 6ª ed. Lisboa: Caminho.
- DUCROT, O. (1980). *Les échelle argumentatives*. Paris Minuit.
- _____ (1980). *Les Mots du Discours*. Paris: Minuit.
- FABRI, K. M. C. et alli (1999). *Da diferenciação das conjunções adversativas em português*. Trabalho monográfico. Uberlândia: UFU
- FABRI, K. M. C. (2001). *Da diferenciação das conjunções adversativas em diferentes tipos de textos*. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia.
- FARIA, I. H. et alli (org.), (1996). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- FÁVERO, L. e KOCH, I. G. V. (1988). *Linguística Textual: uma introdução*. 2ª ed. São Paulo: Cortez.
- _____ (1994). *Linguística Textual: Introdução*. São Paulo: Cortez.
- FÁVERO, L. L. (1999). *Coesão e Coerência textual*. São Paulo: Ática.
- _____ (2005). *Coesão e coerência textual*. 10ª ed. São Paulo: Ática.
- FILLMORE and LANGENDOES, D. T. (1971). *Studies in Linguistic Semantics*. New York: Holt, Reinhart and Winston.
- GERALDI, J. W. (1981). *Tópico-comentário e orientação argumentativa*. In: *Sobre a estruturação do discurso*. Campinas, SP: IEL/ UNICAMP.
- GINDIN, S. (1972b). *Vnutrennaja organizacija teksta: elementy teorii i semanticeskij analiz*. Avtoreferat Dissertacii. Moscú, Izdatelstvo Moskovskogo Universiteta.
- GONÇALVES, A. e CORREIA, C. N. (org.), (2002). *Acta do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística.
- GONÇALVES, P. e DINIZ, M. (org.), (2004). *Português no ensino primário: Estratégia e exercícios*. Maputo: INDE.
- GONÇALVES, P. e UAMUSSE, L. (2004). *O ensino-aprendizagem da gramática*. In Gonçalves, P. e Diniz, M. (org.). *Português no ensino primário: Estratégia e exercícios*. Maputo: INDE.
- HALLIDAYS, M. A. K. e HASAN, R. (1976). *Cohesion in English*. London: Longman.
- ISENBERG, H. (1968). *Das direkte Objekt im Spanischen: Studia Grammatica, IX*. Berlin: Akademie-Verlag.

- KLEIMAN, A. (2004). *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 9ª Ed. Campinas: Pontes.
- KOCH, I. G. V. G. e TRAVAGLIA, L. C. (1989). *Texto e Coerência*. 4ª. ed. São Paulo: Cortez.
- _____ (1990). *A coerência textual*. São Paulo: Contexto.
- _____ (1999). *Texto e coerência*. 6ª ed. São Paulo: Cortez.
- KOCH, I. G. V. (1992). *Dificuldade na leitura/ produção de texto: os conectores interfrásicos*. In: *Linguística Aplicada ao ensino do Português*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- _____ (1997). *Linguística Textual: retrospectiva e perspectiva*. São Paulo: Alfa – Revista de Linguística.
- _____ (2000). *O texto e a construção de sentido*. São Paulo: Contexto.
- _____ (2001). *Linguística textual: QuoVadis?* Revista DELTA, 17: 11-23.
- _____ (2004). *A coesão textual*. 19ª ed. São Paulo: Contexto.
- KOENIG, J. P. (1998). *Discourse and Cognition*. Stanford: CSLI Publication.
- KOENIG, J. P. e BENNDORF, B. (1998). *Meaning and Context: German abe rand sondern*. In: KOENIG, J. P. (ed.), (1998). *Discourse and Cognition*. Stanford: CSLI Publication.
- LAKOFF, R. (1971). *Ifs, and's and but's about conjunction*. In: FILLMORE and LANGENDOES, D. T. (eds.). *Studies in Linguistic Semantics*. New York: Holt, Reinhart and Winston.
- LAVACCHI, L. e MARTÍNEZ, M. C. N. (1994). *Oraciones de aunque y pero*. In: *Verba*, 21: 257-278.
- LIMA, J. P. (1996). *O papel da semântica e da pragmática no estudo dos conectores*. In: FARIA, I. H. et alli (org.), (1996). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- LOPES, A. C. M. (1984). *Linguística textual: objetivos e pressupostos teóricos*. In: *Biblos*. Vol. LX, 90-102.
- _____ (2005). *Texto e coerência*. In: *Revista Portuguesa de Humanidade*. Vol. 9 – 1/2.
- LYONS, J. (1977). *Semântica I*. Lisboa: Presença.
- MARCUSCHI, L. A. (1983). *Linguística de Texto: Como é? e como se faz?* Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

- MARTELOTTA, M. E. et *alli* (org.) (2009). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto.
- MARTEMJANOV, J. S. (1964). *O strukture vyskazyvanija na jazyke smysla*. In: *Naucnaja konferencija: Problemy formalizacii semantiki jazyka*. Moscú, MGPIIJa, 1964.
- MATEUS, M. H. et *alli* (1983). *Gramática da língua portuguesa*. 3ª ed. Coimbra: Almedina Caminho.
- _____ (2003). *Gramática da língua portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Caminho.
- MATOS, G. (2003). *Estruturas de coordenação*. In: MATEUS, M. H. M. et *alli* (2003). *Gramática da língua portuguesa*. 6ª ed. Lisboa: Caminho.
- MMUYA, M. (2007). *Developing and writing a research proposal: an instructional manual*. Addis-Abbeba: OSSREA.
- OLIVEIRA, M. R. de (2009). *Coesão Textual*. In: MARTELOTTA, M. E. et *alli* (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto.
- PÊCHEUX, M. (1969). *Hacia el análisis automático del discurso*. Madrid: Gredos.
- PERES, J. A. (1997). *Sobre conexões proposicionais em português*. In: BRITO, A. M. et *alli* (org.), (1997), *Sentido que a vida faz. Estudo para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- PETOFI, J. S. (1974a). *Semantica, pragmatica, teoria del testo*. In: Conte, 1977.
- PRADA, E. C. F. (2002). *Coordenação adversativa: regularidade e similaridade*. In: Acta do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística.
- QUIRK, R. et *alli* (1985). *A Comprehensive Grammar of the English Language*. London: Longman.
- RIESER, H. (1977). *Textgrammatik, Schulbuchanalyse, Lexikon. Arbeitspapiere 1973-1976*. Hamburgo: Buske.
- RENZI, L. et *alli* (eds.), (1995). *Grande gramática di consultazione*. Vol. 2. Bologna: Il Mulino.
- RICHTER, M. G. (2000). *Ensino do português e interactividade*. Santa Maria: Editora UFSM.
- RUDOLPH, E. (1996). *Contrast: Adversative and Concessive Expression on Sentence and Text Level*. Berlin: Walter de Gruyter.
- TOMÁS, O. C. C. (2003). *Marcadores discursivos contrastivos: contribuição para uma análise semântico-pragmático no português europeu*. Dissertação de mestrado em Linguística Geral apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- TRAVAGLIA, L.C.A. (1999). *Relação entre os recursos linguísticos de coesão e a variação de coerência*. Scripta, Vol. 2, nº4.
- VARELA, L. (2000). *Para uma semântica das construções concessivas e adversativas do português*. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- VILELA, M e KOCH, I. G. V. (2001). *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- VOLOSHINOV, V. N. (1930). *El signo ideológico y la filosofía del lenguaje*. Buenos Aires: Nueva Visión.